

ACADEMIC AND PROFESSIONAL BODY FOR SCIENTIFIC DISSEMINATION



VOLUME 03, NUMBER 04

ISSN – 2675-8113 | EISSN- 2675-8113

APRIL - 2022



Órgão de divulgação científica e informativa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J86 Journal of Law, Public Policies, and Human Sciences [recurso eletrônico] / –
Vol. 2, n. 3 (2021) - . - / Porto Alegre, 2021 - .

Semestral.

Modo de Acesso: <https://www.jlpphs.com>

Descrição baseada em: Vol. 2, n. 2 (2021)

ISSN – 2675-8113

ISSN – 2675-8407 (on-line)

1. Ciências Sociais - periódicos. 2. Políticas Públicas – periódicos. I.
Título.

CDD 300

342.1

Isabel Merlo Crespo
Bibliotecária CRB 10/1201





Comissão Editorial

Chief Editor

- Renan Antônio da Silva, Ph.D.,
r.silva@unesp.br, Universidade
Estadual do Ceará - UECE - Brazil.

General secretaries

- Eduardo Goldani, Ph.D.,
eduardogoldani@gmail.com - Brazil.
- Luis Alcides Brandini De Boni, Ph.D.,
labdeboni@gmail.com - Brazil.

Members of the Editorial board

- Fábio Kühn, Ph.D.,
fabio.kuhn@ufrgs.br, Federal
University of Rio Grande do Sul –
Brazil
- Luis Alberto De Boni, Ph.D.
ladeboni@gmail.com - Brazil.
- Milton Lucídio Leão Barcellos, Ph.D.
Milton.lucidio@leao.adv.br, Leão
Intellectual Property - Brazil.

- David Malazonia, Ph.D.,
davit_malazonia@iliauni.edu.ge, Ilia
State University - Georgia.
- Fabrício da Silva Caetano, M.Sc.
(MGeog), Specialist in Environmental
and Urban Law; Specialist in Military
Law., adv.caetano@gmail.com - Brazil
- Barbara Scavone Bellem de Lima, M.
Sc., barbara@bellemdelima.com.br,
Bellem de Lima Associates Law Firm -
Brazil.
- Bernardo Britto Guerra, M. Sc.,
bardoguerra@gmail.com, Ph.D.
candidate, Social Sciences, UERJ -
Brazil
- Aragão Branco Filho, Public Law
Specialist,
aragaobranco12@gmail.com, Public
Defender of Paraná - Brazil





TABLE OF CONTENTS

| | |
|--|---|
| INTERVIEW – PUBLIC POLICES Wilson Hoffmeister Júnior Brasil POLÍTICA DE CONTROLE DE ZONOSSES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PARTE 2) <i>ZONOSIS CONTROL POLICY IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL (PART 2)</i> Pg. 01 | INTERVIEW – PUBLIC POLICES Andrei Loise Casale Brasil ENTREVISTA COM O VEREADOR ANDREI LOISE CASALI, DO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO PRADO – RS. (PARTE 1) <i>INTERVIEW WITH THE CITY COUNCILOR ANDREI LOISE CASALE, FROM THE MUNICIPALITY OF ANTÔNIO PRADO – RS. (PART 1).</i> Pg. 11 |
| INTERVIEW – PUBLIC POLICES Cléber Machado Brasil ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA ASCORSAN, CLEBER MACHADO (PARTE 1) <i>INTERVIEW WITH THE PRESIDENT OF ASCORSAN, CLEBER MACHADO (PART 1).</i> Pg. 13 | RESEARCH PAPER Luísa Canto Erthal; Guilherme Felipe Dutra Silva; Aline Trovão Queiroz Brasil DEPRESSÃO INFANTIL NO BRASIL – UMA REVISÃO DA LITERATURA <i>CHILD DEPRESSION IN BRAZIL - A LITERATURE REVIEW</i> Pg. 15 |
| RESEARCH PAPER Renan Antônio da Silva Brasil COVID 19 E O SETOR EDUCACIONAL <i>COVID 19 AND THE EDUCATIONAL SECTOR</i> Pg. 21 | BOOK SUGGESTION SUGESTÃO DE LEITURA: 1984 <i>READING SUGGESTION: 1984.</i> Pg. 30 |





POLÍTICA DE CONTROLE DE ZOOSES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PARTE 2)

ZOONOSIS CONTROL POLICY IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL (PART 2)

Wilson Hoffmeister Júnior *

Secretaria da Agricultura, RS, Brasil.

Entrevistado por:

Luis Alcides Brandini De Boni

JLPPHS, Brasil

** Corresponding author*

e-mail: wilson-hoffmeister@agricultura.rs.gov.br

Invised 28 September 2021; completed 30 March 2022.

RESUMO

Introdução: Esta é a transcrição da entrevista com o cientista, graduado em medicina veterinária, coordenador do Programa de Controle da Raiva Herbívora, Wilson Hoffmeister Júnior. O Fiscal Estadual Agropecuário da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (SEAPDR), do Estado do Rio Grande do Sul, que desenvolve uma das frentes de trabalho de defesa sanitária. **Objetivo:** analisar o trabalho de prevenção e controle da raiva no Rio Grande do Sul (Brasil). **Métodos:** a entrevista foi formulada utilizando-se o conteúdo do Programa de Controle da Raiva Herbívora (PNCRH-RS) como base de informações. **Resultados e Discussão:** O PNCRH-RS é um programa de política pública que funciona a décadas no Rio Grande do Sul e contribuiu para a eliminação de certos tipos de raiva no estado, além de manter a raiva transmitida por morcegos hematófagos sob controle, evitando ou reduzindo perdas econômicas e garantindo a saúde e qualidade do rebanho do estado do Rio Grande do Sul. **Conclusões:** a continuidade ininterrupta do PNCRH-RS garantiu a viabilidade econômica de produtores rurais, elevou a lucratividade dos mesmos e assegurou a sanidade animal e a saúde pública do estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: *Raiva Herbívora, defesa sanitária, desenvolvimento socioeconômico, saúde pública, política pública.*

ABSTRACT

Background: This is the transcription of the interview with the scientist, graduated in veterinary medicine, coordinator of the Herbivorous Rabies Control Program, Wilson Hoffmeister Júnior, was interviewed. The Inspector of the Secretariat of Agriculture, Livestock, and Rural Development (SEAPDR) of the State of *Rio Grande do Sul*, which develops one of the work fronts of sanitary defense. **Objective:** to analyze the work of prevention and control of rabies in the state of *Rio Grande do Sul* (Brazil). **Methods:** the interview was formulated using the Herbivorous Rabies Control Program (PNCRH-RS) as an information base. **Results and Discussion:** The PNCRH-RS is a public policy program that has operated for decades in the state of *Rio Grande do Sul*, and it has contributed to the elimination of certain types of rabies in the state. In addition to keeping rabies transmitted by vampire bats under control, preventing or reducing economic losses, and ensuring the health and quality of the herd in the state of Rio Grande do Sul. **Conclusions:** the uninterrupted continuity of the PNCRH-RS guaranteed the economic viability of rural producers, increased their profitability, and ensured animal health and public health in the state of Rio Grande do Sul.

Keywords: *Herbivorous rabies, health defense, socioeconomic development, public health, public policy.*

1. INTRODUÇÃO

A entrevista foi separada em dois momentos distintos. A primeira parte, compreende o segmento áudio visual da entrevista e está publicado na edição. Na próxima edição será realizada a transcrição da entrevista.

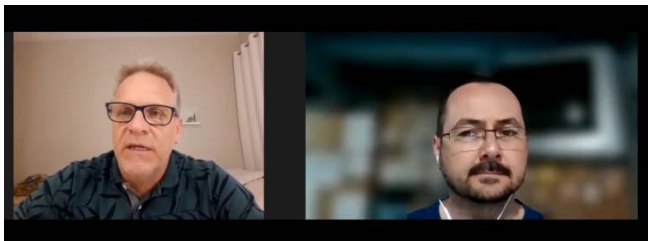


Figure 1- Entrevista com o Médico Veterinário Hoffmeister.

Por favor, clique na imagem acima ou digite o link <https://youtu.be/bTCTUB_VTgl> no navegador do computador para assistir a entrevista.

A equipe do jornal agradece ao Médico Veterinário Wilson, por conceder esta entrevista e recomenda a mesma aos leitores.

1.1. Transcrição

00:00 – Hoffmeister: Bem, vamos lá Luís!

00:05 - Luís: Oi, boa noite Sr. Wilson, tudo bom?

00:08 - Hoffmeister: Boa noite, tudo bem Luís!

00:10 - Luís: Tudo bem, prazer em falar com o senhor gostaria de agradecer a atenção do senhor em nos receber e também é um serviço muito importante que o estado presta na parte da inspetoria veterinária, correto?

00:26 - Hoffmeister: Correto!

00:28 - Luís: Eu gostaria de inicialmente pedir para o senhor apresentar a sua formação acadêmica e o quê que o senhor desenvolve na inspetoria veterinária do Rio Grande do Sul.

00:50 - Hoffmeister: Então, eu sou médico veterinário graduado na Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 1991. Fiz concurso público para a Secretaria da Agricultura em 1994, fui chamado em 1997. Trabalho na inspetoria veterinária, sou lotado no município de Cruz Alta, trabalho principalmente com o Programa do Controle da Raiva dos Herbívoros, que é o responsável pela raiva dos herbívoros, em relação ao controle do morcego hematófago, nesse

trabalho eu já venho desenvolvendo desde 2001, onde hoje eu já sou coordenador do programa Estadual. Nós temos no estado oito equipes que trabalham com esse programa, são equipes de captura de morcegos, visando o controle da população de morcego e evitar a doença raiva nos animais.

1:50 - Luís: Perfeito Sr. Wilson, dando continuidade à nossa lista de perguntas que eu prometo que não serão muitas, mas são importantes. A primeira pergunta pra quem é de fora do setor agropecuário, o quê que é a raiva bovina?

2:07 - Hoffmeister: A raiva é uma doença chamada de zoonose. O quê que é zoonose? É uma doença transmissível dos animais para o homem e por isso a grande importância dela, a raiva é subdividida em vários subtipos, em que a Secretaria da Agricultura trabalha basicamente no estado do Rio Grande do Sul, onde trata-se da raiva sendo uma doença neurológica, ou seja, que atinge o sistema nervoso dos animais.

2:46 - Luís: Sim!

2:49 - Hoffmeister: E invariavelmente leva a morte desses animais, o grande problema além da perda econômica, a perda dos animais, é que pode ser transmitido também ao homem, um risco muito pequeno, mas que existe. Essa raiva ela caracterizada por uma doença neurológica que vai paralisar, e levar esse animal ao óbito.

3:16 - Luís: Causando uma perda na produtividade.

3:20 - Hoffmeister: É, você vai perder o animal, e vai ter o risco de saúde humana também.

3:28 - Luís: Seguindo com relação a raiva, a raiva bovina em específico, como é que ela se propaga?

3:35 - Hoffmeister: Então, é que na realidade no Estado do Rio Grande do Sul nós temos basicamente cinco subtipos de raiva, e a mais conhecida é aquela raiva dos cães e gatos. A raiva furiosa em que o animal ficava furioso, mordida e transmitia na mordida do cachorro e do gato. Essa raiva nós não temos no estado desde a década de 1980. Por volta de 1982, 1983, foram os últimos casos pelo subtipo da raiva dos cães e gatos. Hoje nós trabalhamos basicamente com a raiva do morcego hematófago (Figura 1), o quê que é o morcego hematófago? É um morcego que se alimenta de sangue, e aí a gente tem que fazer uma diferença. Nós temos vários tipos de morcegos, se a gente vai conversar com a população em geral, todos eles irão pensar naquele morcego que tem no forro da casa, que

geralmente é aquele morcego que se alimenta de insetos ou aquele morcego que mora nas árvores frutíferas, ou seja, que se geralmente tem nas árvores frutíferas, a características deste tipo de morcego é que eles se alimentam especificamente de frutas e todos tem a sua importância na natureza. E nós trabalhamos com o morcego hematófago, que é esse que se alimenta exclusivamente de sangue porque quando o morcego adoece com o vírus da raiva, no momento que ele vai morder o animal pode ser transmitido essa doença para o animal.



Figura 1. *Desmodus rotundus*, picture taken at Sangayan Island, Paracas National Reserve, Departamento Ica, Peru.

Creditos da imagem: CC BY-SA 3.0. File:Desmodus rotundus A Catenazzi.jpg. Created: March 2005. <https://en.wikipedia.org/wiki/Vampire_bat#/media/File:Desmodus_rotundus_A_Catenazzi.jpg>

5:28 - Luís: O papel do morcego na propagação da raiva é transmitido, correto?

5:36 - Hoffmeister: É, o morcego, ele vai adoecer com o vírus da raiva, no momento em que ele vai se alimentar no animal, o vírus está na saliva, e vai ser transmitido o vírus para o animal pela corrente sanguínea no ato da mordida, e esse morcego vai morrer com a raiva em torno de dez dias de contaminado, nesse ínterim, no momento que está se alimentando do animal será transmitido a doença. E então vai ocorrer que o morcego morrerá em dez dias e o animal que é mordido o quê que acontece? Nesse animal do local da mordida até o cérebro que é o local de eleição para propagação desse vírus, esse vírus vai caminhar no organismo pelo sistema nervoso,

através dos nervos periféricos até o cérebro e vai se desenvolver no cérebro até que tenha uma quantidade suficiente pra causar a doença, tendo uma quantidade de vírus suficiente, esse período que se chama período de incubação, que é o período entre a mordida e o começo do aparecimento dos sintomas, só que esse período é longo, em torno de 45 a 60 dias. Então muitas vezes...

7:06 - Luís: Nesse período o animal pode transmitir a doença, o vírus, bovina?

7:15 - Hoffmeister: É, não existe uma contaminação horizontal como é chamado. Geralmente o pequeníssimo risco de transmissão no bovino vai pela carne ou pelo leite e seria quando o animal começa a aparecer os sintomas. E nessa fase a vaca já não dá mais leite porque não está comendo, já está se isolando e se você está com um animal doente, você não vai carnear ele para consumo, então teoricamente não existe o risco da infecção da propagação dessa doença do bovino pro humano em função dessa situação. Então, basicamente precisa haver a presença do morcego hematófago mordendo o animal ou mordendo a pessoa no caso, que é outra situação que nós não temos no estado desde a década de 1980, também, temos alguns casos no Brasil, nos últimos anos, quase todos os anos acontece alguma coisa em termos de raiva, mas no Rio Grande do Sul, nós já desde a década de 1980 também não temos a raiva em humanos, a nossa situação é muito tranquila em relação aos estados no norte e nordeste do país principalmente.

8:46- Luís: Com relação a taxa de letalidade da doença tanto morcego a princípio doente ele vai acabar vindo a óbito, no caso do boi tem cura ou ele vai acabar vindo a óbito também?

9:10 - Hoffmeister: Então, dados de estudos mostram que 85% pra 90% dessa colônia dos morcegos morre, em torno de 5% a 10% eles podem se tornar portadores do vírus assintomáticos, ou seja, ele vai se ter um incubatório desse vírus, vai albergar esse vírus e não vai adoecer e isso aí numa condição de estreias mais pra frente ele pode desenvolver esse vírus novamente e desencadear a doença, então no morcego 85% a 90% do óbito dos morcegos. Ou seja, quando a gente começa a ter animais morrendo, bovinos morrendo, e procura-se por populações de morcego, encontra-se uma população muito pequena porque os morcegos já morreram muito antes, então somente 10% da população de morcego que ainda vai estar dentro dos refúgios, dentro dos abrigos e então você pensa que praticamente não mora morcego ali,

mas é que o morcego morreu. Em relação aos herbívoros sejam eles bovinos, os equinos, os suínos e a ovelha principalmente, quando aparece sintomas nos animais aí sim é 100% de letalidade, não existe tratamento para a doença raiva. A doença raiva ela tem prevenção através da vacina, mas ela não tem um tratamento curativo.

10:46 - Luís: Perfeito! Aproveitando que estamos falando bastante em bovinos, muitas vezes não se tem o tamanho da dimensão do problema que se pode tomar. O senhor tem uma estimativa, uma ideia do tamanho pro setor do Rio Grande do Sul?

11:07 - Hoffmeister: O rebanho do Rio Grande do Sul gira em torno de 12 milhões e meio a 13 milhões de animais, e a contaminação por raiva é um dado muito difícil de se fazer, tem-se apenas estatísticas anuais de casos de raiva, mas para começar o que seria um caso de raiva? Supõem-se que tem no município de Antônio Prado por exemplo, um animal que adoeceu, e está com sintoma neurológico compatível com a doença raiva, então chama-se o veterinário, seja particular ou da inspetoria veterinária, esse veterinário vai até a propriedade verificar se o sintoma é compatível, caso confirmado, espera o animal estar em fase agônica, ou seja, quase morrendo, ou em outro caso o animal que você conhece já morreu e coleta-se o cérebro desse animal que é o local onde se multiplica o vírus, após o animal morto ou sacrificado, envia-se o cérebro desse animal para os laboratórios de eleição, o principal laboratório de eleição no Rio Grande do Sul é o Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, IPVDF, em Eldorado do Sul, que é o local que realiza 95% dos diagnósticos da raiva, ou seja, é no Rio Grande do Sul, seja por imunofluorescência direta, e se o resultado der negativo ou inconclusivo é necessário fazer uma prova biológica, nessa prova biológica parte desse cérebro é injetado em camundongos e é verificado se desenvolve a doença, depois coleta-se o cérebro deles, aplica-se a imunofluorescência para ter o diagnóstico definitivo. O diagnóstico definitivo de raiva é somente laboratorial, e a principal prova é a imunofluorescência direta, onde se busca pelo corpúsculo de Negri, ou então pela prova biológica que são as duas provas aceitas até o momento pela comunidade científica, e pelos organismos internacionais.

13:26 - Luís: É bem relevante! Outra questão que estava discutindo com outro colega, é que em 2016, mas houveram 120 casos de contaminação de raiva bovina, correto?

13:50 - Hoffmeister: Correto!

13:52 - Luís: Traduzindo, esses números para valores atuais, um boi teria cotado até 2.800 reais, no caso de um boi de 12 meses com 195 kg, essa perda daria mais ou menos em 2016 quase 340 mil reais e os mecanismos que o estado utiliza pra combater essa perda financeira, seriam uma perda potencial, seria o combate ao morcego no campo?

14:35 - Hoffmeister: Na realidade o controle da doença raiva, ela se baseia no controle do vetor morcego, se o ser humano tentar diminuir a população do morcego hematófago, manter ela equilibrada, é necessário que ocorra a vacinação nos animais, nos bovinos, ovinos, os animais que são suscetíveis, no qual trata-se de uma vacina bastante efetiva. Mas, essa vacina deve ser feita em pelo menos duas doses, na primeira dose o organismo só reconhece o vírus, e na segunda dose o vírus já atacou o animal, então o organismo tem que formar uma defesa contra o vírus, onde vai aumentando essa defesa a uma quantidade de anticorpos que seja possível para combater a doença, então baseando-se no controle do morcego hematófago e na vacinação dos animais atinge-se um certo controle, e essa vacinação é realizada pela seguinte forma, pelo fato de não se ter uma vacinação obrigatória no estado, essa vacina é indicada pela inspetoria veterinária nas localidades onde se tem problema, atualmente no estado tem-se em torno de 40 a 41 focos de raiva, e para compreender isso o que seria um foco de raiva? É aonde teve o animal que adoeceu da doença de raiva e foi coletado o cérebro, esse cérebro foi levado para o laboratório onde seu resultado foi positivo, aquele local é considerado um foco. Mas, alguns locais são encontrados um foco dentro do mesmo município em cinco ou seis propriedades próximas uma da outra onde foi coletado esses cérebros e todos com resultado positivo, então na realidade isso seria um foco, mas esse foco está distribuído em cinco focos ou dez focos. Um outro exemplo, esse ano no município de Itacurubi, quase na fronteira com a Argentina, foi encontrado um foco muito grande de raiva, onde atingiu uma propriedade enorme na beira do rio em Camaquã e no outro lado do rio Santo Antônio das Missões, onde foi encontrado focos em Itacurubi, e em Santo Antônio das Missões, e teve-se uma perda expressiva de animais, destas propriedades saíram animais doentes para outras propriedades para outras localidades, por exemplo o Guabiju onde também encontrou-se o foco positivo, mas também é oriundo daquele foco em lá em Itacurubi.

17:39 - Luís: E todo esses focos vem da mesma colônia de morcegos?!

17:44 - Hoffmeister: Geralmente vem da mesma colônia ou de alguma localidade que esteja com uma pressão muito grande de população de morcego, aonde o produtor não está visando uma inspetoria que seus animais estão sendo agredidos, e a Secretaria da Agricultura não tem esse conhecimento, a inspetoria veterinária vai procurando o foco que já está grande, e o que acontece? Quando a situação é controlada, o produtor traz a informação logo até a inspetoria informando “Aqui tá tendo agressão nos seus animais ou tem animais doentes”, mas se for uma forma rápida, a inspetoria consegue trabalhar de uma maneira que minimize as perdas do produtor diminuindo a produção de morcegos, e indicamos a vacinação para os produtores, para os seus animais, com isso a mortalidade irá variar para 30 ou 40 animais mortos dentro de um foco. Outro exemplo foi na região de Itacurubi em que um produtor perdeu mais de 80 animais, são produtores grandes, consequentemente a perda é grande também.

18:49 - Luís: Sim!

18:51 - Hoffmeister: Do outro lado do rio, em Santo Antônio das Missões, também teve outro produtor que perdeu mais de 80 animais, então em relação a esse número do ano de 2016, é necessário lembrar que nesse ano de 2016 aconteceu uma enxurrada na região de Camaquã, que desalojou vários morcegos, causando estresse na colônia, e isso estava acontecendo desde de 2012, tudo isso acabou desencadeando a raiva nessas colônias e pegando uma localidade com pressão grande de população de morcego, com isso essa doença foi se propagando de uma colônia contaminada foi contaminando a outra e assim por diante e a inspetoria veterinária demorou muito tempo para conseguir dominar essa doença que atingiu grande parte do estado. Então, no ano de 2020 por exemplo foi encontrado 55 focos, e no ano de 2021 obtivemos 41 focos, que é o patamar normal, que varia entre 40 e 50 focos durante o ano, então a Secretaria da Agricultura tem esse programa que vem desde 1961. Antigamente era o método físico, ateavam fogo dentro das cavernas, matavam os morcegos a tiro, era aquela barbaridade, hoje já é utilizado o método químico em que depois de descobrir onde é que pode ser o local que os morcegos se abrigam, a inspetoria veterinária vai até o local e instala redes para a captura dos morcegos pela parte da noite porque eles não enxergam a rede e acabam caindo na rede, depois da coleta o morcego é colocado dentro da gaiola, terminada a

captura pega-se o morcego um por um e passasse uma pomada que tem um produto venenoso nas costas de cada morcego, esse morcego irá ser solto e volta pro refúgio dele, para a colônia dele, e como o morcego tem o hábito de lamber uns aos outros e nisso irá lamber aquele veneno, levando-o a morte, e consequentemente controlando essa população de morcego, cada um morcego que for besuntado com essa pomada pode matar de 20 a 30 outros indivíduos, assim é realizado um controle químico com essa pomada, e esse morcego que foi passado nas costas irá absorver a pomada todo na pele e vai terminar morrendo também, então você consegue controlar a população desses morcegos desde que tenha a informação do produtor que conhece a região de onde pode estar esses morcegos, como nós conversamos esses dias quando nos encontramos em Antônio Prado, nós da inspetoria veterinária estávamos indo em busca de refúgios, em busca de informações dos produtores, para tentar localizar esses refúgios e fazer o combate, porque se não tivermos a informação do produtor que é muito importante que está havendo agressão, que tem algum animal doente, ou que tem algum local que possa ser refúgio desse morcego, a Secretaria da Agricultura não tem como realizar esse trabalho.

22:40 - Luís: Uma pergunta que é bem relevante no cenário atual, apesar de poucos casos de raiva com relação a proporção da população bovina, se o produtor perdeu o animal ele recebe algum auxílio ou não do governo do estado?

23:02 - Hoffmeister: Essa doença a raiva não está contemplada nas doenças que o governo ressarce o produtor, até porque a Secretaria da Agricultura faz as campanhas de vacinação, os alertas sanitários, sempre no intuito do produtor proteger os seus animais, porque existe a prevenção, e é perfeitamente fácil de prevenir essa doença desde que o produtor realize essa vacinação. Se você for fazer o levantamento do custo dessa vacina, é ridícula...

23:47 - Luís: Pois é!

23:48 - Hoffmeister: Porque uma... uma dose de vacina é um pouco mais de 1 real. Você tendo que fazer duas doses de vacina, você não gasta mais de três reais por animal...

23:59 - Luís: Por animal...

24:00 - Hoffmeister: É...

24:01 - Luís: Ele é um investimento animal...

24:04 - Hoffmeister: É uma questão do capricho do produtor. O capricho do produtor de colocar no seu calendário sanitário, da mesma forma que ele

faz para o remédio da verme, e para as outras vacinas do seu rebanho, como a leptospirose. Antigamente nós vacinávamos para aftosa (febre aftosa), agora está proibida, e outras doenças que estão no calendário de vacina do produtor, deveriam ser colocadas junto com a vacina da raiva, na primeira vez fosse fazer a vacinação, faria as duas doses, tanto para o animal que nasceu na propriedade duas doses, quanto para o animal que foi comprado, e a partir do animal que já foi vacinado no ano, no próximo ano ele teria que fazer só uma dose para reforço só pra relembrar o organismo sobre o vírus, mas o animal que não foi vacinado o ano passado tem que receber duas doses. Geralmente vacinamos bovinos e equinos, a ovelha é mais difícil tem que ter muito ataque pro morcego estar pegando na ovelha, na ovelha, o morcego irá pegar na orelha do animal, você vai notar a mordedura, e no porco também geralmente na orelha, no caso da porca que está de cria muitas vezes ela está de barriga pra cima, então pode ocorrer de ter próximo as tetas dessa porca... o morcego se aproveita que o animal está deitado e pode estar mordendo, mas no suíno, principalmente o porco, porque no suíno comercial existe uma série de empecilhos no galpão pro morcego, como a iluminação, enfim outras coisas também, mas aqueles suínos de subsistência muitas vezes o produtor vai perceber que como tem sangue no suíno, o suíno não se bate muito e fica aqueles sinais de sangue nas paredes da pocilga do suíno, que é um sinal de alerta pro produtor que o seu animal pode estar sendo mordido por um morcego e correndo o risco de contrair a raiva.

26:15 - Luís: Uma pergunta curiosa, quando o morcego morde tem alguma coisa na saliva que seja anestésica pro animal que não percebeu, ele ataca o bovino ou outro animal de uma forma violenta e fica grudado ali sugando?

26:34 - Hoffmeister: É que na realidade o quê que acontece? O morcego quando ele chega no animal a primeira vez, ele começa a fazer o corte no animal digamos assim, e começa a voar por volta desse animal, o animal então fica desconfiado obviamente e fica atento ao morcego, só que o morcego vai insistindo, daqui a pouco ele senta no chão, ele começa a caminhar por volta do animal, e muitas vezes ele começa mordendo nas patas do animal que é um local que o ser humano não enxerga direito, e o morcego ele dá uma mordida no animal, e a saliva dele possui uma substância anticoagulante que não deixa o sangue parar de correr. Então, na realidade o morcego não fica mordendo ele dá uma mordida e depois ele fica em cima do animal sugando

aquele sangue e algumas vezes quando tem uma população maior de morcego, o morcego levanta voo e depois de alimentado senta-se em outro e continua se alimentando, como curiosidade o morcego hematófago tem em torno de 30 a 40 gramas, e chega a se alimentar de 30 mL de sangue, ele quase que...

27:45 - Luís: Dobra...

27:47 - Hoffmeister: Dobra o peso dele, mas ainda assim ele se alimenta, e se tiver uma população grande vem outro morcego se alimentar no mesmo lugar e no dia subsequente aquele animal já se acostumou com o morcego, então se o morcego demorou 40 minutos pra começar a morder o animal na primeira noite, na segunda noite ele vai demorar 10, porque o animal está acostumado com ele, então ele volta duas, três, quatro noites subsequentes no mesmo animal, preferencialmente aquele animal que tem o pêlo escuro aonde o morcego fica camuflado na pelagem ou se o animal, por exemplo, é uma holandesa por exemplo, ele vai procurar a mancha preta...

28:28 - Luís: A mancha preta...

28:31 - Hoffmeister: Então, é porque o morcego tem os inimigos naturais dele também, tendo que estar atento, ele tem que se proteger, e muitas vezes ele muda a região aonde ele está mordendo também no sentido de proteção, então ele vem três ou quatro noites aqui e na outra noite ele vai pra uma outra localidade, o raio de ação desse morcego, talvez seja uma outra pergunta que você esteja desenvolvendo...

28:58 - Luís: SIM! Isso, fique tranquilo, fique tranquilo...

29:00 - Hoffmeister: Depende... depende da região Luís, que está sendo... que tem o morcego, se é uma região plana, esse morcego pode andar até 10 km pra se alimentar, mas...

29:13 - Luís: É...

29:14 - Hoffmeister: Mas em uma região de morro como essa de vocês em Antônio Prado, esse morcego ele vai andar no vale, no vale geralmente porque tem que ser muito perto da água, pelo fato do morcego ter muita sede, devido o sangue ter muita ureia, dá muita sede no morcego, ele anda pelo vale e do vale ele localiza o animal vai lá e morde, então ele morde três, quatro noites aqui. Nessa região da em torno de três quilômetros, esse é o raio de ação do morcego, então no outro dia ele vai três quilômetros pro outros lados, até 3 km pro outro lado, então geralmente quando a inspetoria veterinária vai trabalhar numa região aonde tem

agressão nós procuramos estabelecer os limites onde tem agressão porque provavelmente essa colônia de morcego deve estar no centro, outro detalhe que acontece que é interessante pro produtor saber é que esse morcego para ele fazer um voo, ou seja, para esse morcego passar por cima de um morro depende de muita energia, então ele não fica pulando cerco digamos assim, ele anda pelo vale, o morcego que mora mais ali em cima ele vai atacar lá em cima, o morcego que mora lá embaixo do vale ele vai atacar lá embaixo, ele sobe o um pouquinho, morde, e volta pro vale dele, isto é, ele ataca a região que está. Então são várias curiosidades que nós poderíamos ficar conversando...

30:33 - Luís: Sim!

30:35 - Hoffmeister: Conversando a noite inteira e sobre a colônia... a sociedade dos morcegos também, que é muito interessante também.

30:43 - Luís: Com relação ao que a gente tinha comentado antes, da parte do controle populacional do morcego, sem a intervenção humana, a doença tende a chegar a um equilíbrio ou ela costuma crescer de forma descontrolada?

31:02 - Hoffmeister: Então, para responder essa pergunta teremos que vamos voltar um pouco mais. O morcego *desmodus rotundus*, que é o tipo de morcego hematófago no qual a inspetoria trabalha, ele tem o período de gestação em torno de 7 meses e a fêmea dá um filhote por vez, e no senso comum tem-se aquela noção de que o morcego parece com o rato, que o morcego gera por ninhada, mas não é isso que acontece, e esse filhote que nasce da fêmea fica agarrado no corpo dessa fêmea por mais uns três meses e ela fica alimentando-o, auxiliando-o por mais um período, então, na realidade essa fêmea vai ter um filhote por ano, e vamos imaginar que essa colônia comece a crescer, ela vai crescendo e em torno de sete a dez anos ela vai ter um pico, nesse pico o quê que vai acontecer? Vai ter uma população grande, eles irão começar a disputar abrigo, irão começar a disputar alimentação, irão começar a disputar fêmeas, haverá estresse na colônia, raiva, então em torno de 85% a 90% da colônia morre, ou seja, 85% da colônia morre e começa tudo de novo, então é aquele ciclo, em um gráfico haverá um sobe, desce, isto é, uma curva de crescimento da população de morcego que gira em torno de 7 a 10 anos por localidade, então existe um controle natural, porém é como futebol, se o juiz de futebol ele aparece é porque deu problema. Então se não está tendo tanto caso de raiva é porque as equipes da Secretaria da Agricultura estão conseguindo fazer um bom

trabalho, mantendo uma situação equilibrada e confortável em relação ao trabalho de outros estados principalmente, e assim nós conseguiremos manter uma população relativamente baixa com pouca mortalidade pela raiva no estado.

33:15 - Luís: Uma pergunta até um pouquinho diferente, com relação aos estados do Brasil, é um país que tem praticamente todos os climas, o fato da gente ter um subtropical, uma região mais fria, influencia na questão, de por exemplo, no Nordeste, nas regiões mais quentes, ter mais casos e aqui ter menos ou não há uma relação?

33:43 - Hoffmeister: Não, não há uma relação, o morcego se adapta ao clima e a temperatura, não existe muita variação, ele é de um clima subtropical, ele é do Norte da Argentina, e coincide com o Sul do Brasil até o Canadá mais ou... até o México mais ou menos, nós temos morcegos hematófagos (Figura 2). Existem outros tipos de morcegos, nós temos 1.300 tipos de morcegos, os morcegos hematófagos nós temos três no mundo, nós temos no Rio Grande do Sul, o *demodus*, e a menos tempo nós identificamos o *diaemus* que é um outro tipo de morcego que ataca aves, mas geralmente é aquela galinha que dorme na árvore, mas não é importante para o sistema raiva, da doença raiva, então, depende de outros pra ver se eles podem estar carregando outras doenças, mas até o momento nós não temos nada, ele não...

34:44 - Luís: Ele não é um problema...

34:47 - Hoffmeister: Não.

34:49 - Luís: Ah, uma outra pergunta, que se o senhor me permita, por favor, voltando as questões de comparação dos estados, nós estamos visualizando que a nossa incidência está diminuindo para isso tem que estar havendo um bom trabalho, nos outros estados tem algum mais estruturado do que nós, nesse sentido de combate a raiva? Como é que a gente está em relação aos outros estados? Ou os outros em relação a nós?

35:16 - Hoffmeister: O trabalho da raiva no Brasil começou basicamente em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, desde a década de 1960, e foi de uma forma praticamente ininterrupta, ou a colonização do Brasil, o oeste do Brasil foi feita basicamente por gaúchos, mas isso vem de um tempo mais recente, o norte do país não existia muito trabalho em relação a raiva, então hoje a nível de Brasil, por não termos raiva em cães e gatos, por não termos raiva em humanos há muitos anos, em muitas décadas já, eu acho que o Rio Grande do Sul está muito à frente de todos

os outros estados. Existem estados que estão fazendo um bom trabalho, que o estado de São Paulo e o estado de Minas Gerais que tem um local bom de trabalho. O Paraná está investindo bastante, está investindo em vigilância sanitária e enfim, e os outros estados é um pouco mais deficiente o trabalho da raiva, todos com suas dificuldades seja por pessoal, seja por recursos, seja por local, hoje em 2007, 2008, nós tivemos o Uruguai que começou a ter problemas sérios com raiva que era uma situação que eles não tinham, e eles solicitaram o auxílio da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul...



Figura 2. Presença de morcegos nas Américas

36:57 - Luís: Nós temos essa parte de intercambio de pessoal...!

37:02 - Hoffmeister: Com certeza, nós estivemos trabalhando dentro do Uruguai a pedido deles, e hoje eles nos chamam de maestros, mestres.

37:09 - Luís: Sim!

37:11 - Hoffmeister: E hoje mantemos reuniões com o pessoal do Uruguai, trocando informações.

Nós trabalhamos a nível de fronteira, numa área de 50 km pros dois lados, trocamos constantemente informações. Olha, nós estamos tendo um problema aqui, verifique do seu lado que provavelmente tem também, porque o morcego não conhece divisa de países.

37:35 - Luís: Perfeito!

37:37 - Hoffmeister: E o mais recentemente nós em torno de dois ou três anos nós estamos conseguindo um boa conversa, um bom intercâmbio com o pessoal da Argentina também, com algumas trocas de informação, de uma forma mais informal, como colegas que somos, veterinários e técnicos nós fazemos esse acordo de cavalheiros na fronteira em que trocamos informações pelo Whatsapp, sabemos como é que está indo o trabalho deles, alertando o que está acontecendo no nosso lado e recebemos esse alerta deles também, estar atento pro que provavelmente está acontecendo do outro lado do rio Uruguai...

38:18 - Luís: Sim!

38:20 - Hoffmeister: Então isso é muito importante, e faz com que ganhemos tempo com isso porque as vezes demora pra percebermos que está com problema e se alguém me diz assim "Olha cuida dali que ali vai entrar problema", então fica muito mais fácil de se trabalhar se for de uma forma integrada como o que temos com o Uruguai, nós já estamos conseguindo fazer com a Argentina, e é um trabalho gratificante assim, quando nós conseguimos contar com esse trabalho em conjunto para com esses outros colegas.

38:52 - Luís: Só mais uma pergunta se o senhor me permite. Voltando a questão do produtor rural, se o produtor encontra um animal doente, consegue identificar que ele não está correto, o quê que ele pode fazer, ele tem de tomar algum cuidado especial pra manusear esse animal? O animal pode transmitir o vírus? O cara vai enterrar ou queimar a carcaça? Não sei... ele pode chegar a transmitir pro produtor ou ele tem que usar alguns IPI ou é tranquilo?

39:36 - Hoffmeister: Sempre que você está tratando um animal doente, você tem que ter, preferencialmente usar um IPI, certo Luís?! A doença se você for procurar na literatura, ela vai dizer que foram encontrados níveis de contaminação no coração, no fígado, no leite, nos fluídos corporais, então, se você está trabalhando com um animal infectado, está tentando alimentar ele por exemplo, você passa o dedo no dente do

animal e corta, faz uma lesão e entra em contato com saliva, com o sangue do animal, você poderá ocorrer o risco, e existe um protocolo pela Secretaria da Saúde do estado de fazer vacinações, fazer a vacinação preventiva porque não existe cura também para humanos, aliás existe cura, existe seis pessoas no mundo que se curaram, que não morreram com a doença raiva, mas tiveram problemas degenerativos...

40:53 - Luís: Sequelas...

40:54 - Hoffmeister: Sequelas irreversíveis, e que as pessoas apenas não foram a óbito, mas as sequelas são muito graves. Então não se recomenda o consumo de carne, se fosse o caso do leite o animal vai parar de produzir leite, ter o cuidado na manipulação desses animais com lesão, e o ideal é procurar a Secretaria de Saúde do município, informar que teve algum tipo de lesão. Se encontrar morcego, seja ele da espécie que for nunca pegar o morcego de mão livre porque ele pode não estar morto, e esse morcego vai tentar se defender tentando lhe morder, mesmo o morcego não hematófago, o morcego insetívoro, o morcego frugívoro, ele pode se contaminar com a raiva, ele não transmite porque ele não morde, mas acidentalmente pode ocorrer...

41:56 - Luís: Pelo mecanismo de defesa ele pode morder...

41:58 - Hoffmeister: Pelo mecanismo de defesa. O caminho sempre é se dirigir até a inspetoria veterinária do município, informar que encontrou o morcego, que tem animal doente, que está tendo mordedura nos seus animais. Essa informação é preciosa para a Secretaria da Agricultura, da mesma forma que é preciosa a informação de algum local que possa ser refúgio de morcego, nessas regiões de morcegos, cavernas, árvores grandes ocadas, casas abandonadas principalmente em beira de rio, abandonada de tempo, muita terra, casa escura, essa informação vale muito pra secretaria, porque é um trabalho que não tem custo pro produtor e que pode evitar muita mortalidade dos animais.

42:53 - Luís: Uma pergunta importante, que eu acho, e que vai ser a última, para não estender demais, quais os canais de atendimento que as pessoas podem utilizar pra contatar a Secretaria de agricultura no caso de dúvida ou suspeita de estar com presença de raiva na região?

43:15 - Hoffmeister: O caminho sempre é ir até a inspetoria veterinária. A inspetoria veterinária tem em todos os municípios. Eu tenho um escritório de defesa agropecuária na prefeitura ou tem a

inspetoria veterinária, por exemplo, Antônio Prado é em frente da praça, a inspetoria veterinária...

43:33 - Luís: Sim, é bem visível, é bem central...

43:36 - Hoffmeister: Lá naquele local onde o pessoal iria retirar ou declarar a vacina da aftosa, a pessoa vai lá e declara pro pessoal, pro técnico agrícola, pro atendente que ele tem um problema, e algum veterinário irá conversar com vocês, nesse caso a menina que atende de Flores da Cunha ela atende aí também, ela atende em Nova Roma, e a gente está em constante conversa com eles, tem um veterinário da prefeitura de Nova Roma, o antigo veterinário que trabalhava em Antônio Prado nós conhecemos, são locais que nós conhecemos mais ou menos. Tem alguns produtores em Antônio Prado que nós estamos em contato porque eles ficaram de buscar informações pra nós para que consigamos dar sequência nesse trabalho, para tentar diminuir a população de morcego e evitar que chegue à doença no município.

44:37 - Luís: E esse contato, esse auxílio que vem do estado é sem custo pro produtor?

44:43 - Hoffmeister: Sem custo nenhum ao produtor!

44:46 - Luís: Perfeito!

44:48 - Hoffmeister: A secretaria da Agricultura vai lá e coleta esse material, e também pode ser coletado por um veterinário particular, o veterinário que dá assistência a propriedade por exemplo, se ele achar que tem fundamento de alguma suspeita de alguns sintomas, ele pode coletar e mandar pro laboratório. A partir do momento que nós temos essas informações, são deslocados essas equipes pra fazer esse trabalho de controle e sem custo nenhum ao produtor, só que eu repito, sem a presença do produtor, sem a informação do produtor, nós não iremos conseguir chegar a lugar nenhum!

45:28 - Luís: Senhor Wilson eu gostaria muito de agradecer a sua disponibilidade de nos atender, agradecer também a inspetoria sanitária por permitir que o senhor disponha desse tempo em nos atender, a toda equipe do Jornal também agradece o senhor e quando o senhor vier novamente a Antônio Prado vamos nos encontrar e conversar mais, tudo bem?

45:54 - Hoffmeister: Com certeza, a gente agradece a oportunidade de falar um pouco sobre o nosso trabalho, informar um pouco a população, e isso é muito importante a posição de vocês, imprensa que nos auxiliam bastante nessa conversa com o produtor e quem bebe a água da fonte volta aí volta sempre né Luís?!

46:16 - Luís: Volta sempre! A água de Antônio Prado é a melhor do estado!

46:20 - Hoffmeister: É verdade!

46:24 - Luís: Senhor Wilson, muito obrigado e agradeço à sua disposição!

46:29 - Hoffmeister: Eu que ti agradeço Luís, boa noite pra vocês!

46:30 - Luís: Até logo! Boa noite!

Bibliografia adicional sugerida:

1. *Secretaria da Agricultura, pecuária e desenvolvimento rural*. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. (n.d.). Retrieved October 30, 2021, from <https://www.agricultura.rs.gov.br/>.
2. *PNCRH-Rs*. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. (2021, July 28). Retrieved October 30, 2021, from <https://www.agricultura.rs.gov.br/pncrh-rs>.
3. *Manual do Usuário - agricultura.rs.gov.br*. (n.d.). Retrieved October 30, 2021, from <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202005/19093726-manual-usuario-sisbravet-versao-2-2020-1.pdf>.
4. *Controle da Raiva dos Herbívoros*. (n.d.). Retrieved October 30, 2021, from <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/201803/27113519-pncrh-manual-raivaherbvoros-2009.pdf>.

2. DECLARAÇÕES

2.1. Limitações do estudo

O estudo limitou-se a analisar dados relativos ao combate a raiva em herbívoros.

2.2. Agradecimentos

Ao Dr. Hoffmeister pela disponibilidade em fornecer a entrevista.

2.3. Funding source

A fonte de financiamento desta entrevista foi o JLPPHS.

2.4. Conflito de interesses

O autor não possui conflitos na publicação.

2.5. Acesso aberto

This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0) International License, which permits use, sharing, adaptation, distribution, and reproduction in any medium or format, as long as you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The images or other third-party material in this article are included in the article's Creative Commons license unless indicated otherwise in a credit line to the material. If material is not included in the article's Creative Commons license and your intended use is not permitted by statutory regulation or exceeds the permitted use, you will need to obtain permission directly from the copyright holder. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



ENTREVISTA COM O VEREADOR ANDREI LOISE CASALI, DO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO PRADO – RS. (PARTE 1)

INTERVIEW WITH THE CITY COUNCILOR ANDREI LOISE CASALE, FROM THE MUNICIPALITY OF ANTÔNIO PRADO – RS. (PART 1)

Andrei Loise Casale*

Câmara Municipal de Antônio Prado, Brasil.

Entrevistado por:

Luis Alcides Brandini De Boni

JLPPHS, Brasil

* Corresponding author

e-mail: andrei.casali@hotmail.com

Invited 20 April 2022; completed 30 April 2022.

RESUMO

Introdução: A equipe do JLPPHS teve a honra de entrevistar o vereador Andrei Loise Casale do município de Antônio Prado. **Objetivo:** analisar as funções dos vereadores; efeitos da pandemia de corona vírus sobre o sistema educacional do município. **Métodos:** Questionário. **Resultados e Discussão:** Os vereadores fazem parte do poder legislativo do município, entre outras atribuições correspondem aos mesmos a responsabilidade de fiscalizar as atitudes do poder executivo. **Conclusões:** as atribuições dos vereadores contribuem para o desenvolvimento e controle do poder executivo. O trabalho harmonioso entre os poderes é importante para o funcionamento adequado da sociedade. A pandemia de corona vírus afetou o ensino fundamental do município, provocando danos difíceis de serem quantificados na aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: *Educação em tempos de pandemia; poder legislativo municipal; política pública.*

ABSTRACT

Background: The JLPPHS team had the honor of interviewing the city councilor Andrei Loise Casale from the municipality of Antônio Prado. **Objective:** to analyze the functions of the city councilors; the effects of the coronavirus pandemic on the municipal education system. **Methods:** Questionnaire. **Results and Discussion:** The city councilors are part of the legislative power of the municipality; among other attributions, they are responsible for monitoring the attitudes of the executive power. **Conclusions:** the attributions of the city councilors contribute to the development and control of executive power. Harmonious work between the powers is important for the proper functioning of society. The coronavirus pandemic affected elementary education in the municipality, causing damage that is difficult to quantify in student learning.

Keywords: *Education during the pandemic period; municipal legislative power; public policy.*

1. INTRODUÇÃO

A entrevista com o vereador Casale foi separada em dois momentos distintos. O primeiro momento compreende o segmento áudio visual da entrevista e foi publicado na edição corrente do jornal JLPPHS. Na próxima edição será publicada a transcrição em Português da entrevista.

Por favor, clique na imagem abaixo ou digite o link <<https://youtu.be/Fkkfwuu25eQ>> no navegador do computador para assistir a entrevista.



Figure 1- Entrevista com o Vereador Andrei Loise Casale.

A equipe do jornal agradece ao Vereador Andrei Louise Casale, por conceder esta entrevista e recomenda a mesma aos leitores.

1.1. Questões selecionadas

- 1.1.1. *O que é necessário para concorrer ao cargo de vereador?*
- 1.1.2. *Vereadores podem apresentar qualquer projeto de lei ou existem limitações?*
- 1.1.3. *Há um caso de repercussão nacional, do Deputado D. Silveira, que parece expor uma discordância entre dois poderes. Qual seria o melhor caminho para se retomar a harmonia entre os poderes?*

2. DECLARAÇÕES

2.1. Limitações do estudo

A entrevista limitou-se a questionar o vereador sobre assuntos relativos ao município.

2.2. Agradecimentos

Ao Vereador Andrei Loise Casale pela disponibilidade em fornecer a entrevista.

2.3. Funding source

A fonte de financiamento desta entrevista foi o JLPPHS.

2.4. Conflito de interesses

O autor não possui conflitos na publicação.

2.5. Acesso aberto

This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0) International License, which permits use, sharing, adaptation, distribution, and reproduction in any medium or format, as long as you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The images or other third-party material in this article are included in the article's Creative Commons license unless indicated otherwise in a credit line to the material. If material is not included in the article's Creative Commons license and your intended use is not permitted by statutory regulation or exceeds the permitted use, you will need to obtain permission directly from the copyright holder. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA ASCORSAN, CLEBER MACHADO (PARTE 1)

INTERVIEW WITH THE PRESIDENT OF ASCORSAN, CLEBER MACHADO (PART 1)

Cléber Machado*

Presidente da ASCORSAN, RS, Brasil.

Entrevistado por:

Luis Alcides Brandini De Boni

JLPPHS, Brasil

** Corresponding author*

e-mail: cleber.machado@corsan.com.br

Invited 20 April 2022; completed 30 April 2022.

RESUMO

Introdução: A equipe do JLPPHS teve a honra de entrevistar o presidente da Associação de Funcionários da CORSAN (ASCORSAN), o Professor Cleber Machado. **Objetivo:** verificar a capacidade da associação de manter suas atividades no caso de privatização da CORSAN, verificar a possibilidade de novas atividades para a ASCORSAN. **Métodos:** Questionário. **Resultados e Discussão:** A ASCORSAN na forma como foi concebida há várias décadas passaria por dificuldades após a hipotética privatização da CORSAN. A CORSAN é um ativo do Rio Grande do Sul. **Conclusões:** A CORSAN é uma empresa lucrativa para seu sócio majoritário, o governo do estado do Rio Grande do Sul. A Associação de Funcionários da CORSAN está se reestruturando para atuar de forma moderna no mercado do Rio Grande do Sul, buscando prover serviços novos e de qualidade aos associados, inclusive procurando atrair novos parceiros e sócios.

Palavras-chave: ASCORSAN; privatizações; reestruturação estatutária; prestação de serviços.

ABSTRACT

Background: The JLPPHS team had the honor of interviewing the CORSAN Employees Association (ASCORSAN) president, Professor Cleber Machado. **Objective:** to verify the association's ability to maintain its activities in the event of CORSAN's privatization; to verify the possibility of new activities for ASCORSAN. **Methods:** Questionnaire. **Results and Discussion:** ASCORSAN, in the way it was conceived several decades ago, would experience difficulties after the hypothetical privatization of CORSAN. CORSAN is an asset in Rio Grande do Sul. **Conclusions:** CORSAN is a profitable company for its majority partner, the state government of Rio Grande do Sul. The CORSAN Employees Association is restructuring itself to act in a modern way in the Rio Grande do Sul market, seeking to provide new and quality services to associates, including seeking to attract new partners and partners.

Keywords: ASCORSAN; privatizations; statutory restructuring; services provision.

1. INTRODUÇÃO

Novamente a entrevista foi separada em dois momentos distintos. A primeira parte, compreende o segmento áudio visual da entrevista, publicado na edição corrente do jornal. Na próxima edição será realizada a transcrição da entrevista.

Por favor, clique na imagem abaixo ou digite o link <<https://youtu.be/jEkNsrbeAl0>> no navegador do computador para assistir a entrevista.



Figure 1- Entrevista com Cléber Machado. ASCORSAN.

A equipe do jornal agradece ao Presidente da ASCORSAN, Cléber Machado, por conceder esta entrevista e recomenda a mesma aos leitores.

1.1. Perguntas selecionadas

- 1.1.1. *Como o senhor acredita que sua formação acadêmica pode contribuir para a condução inovadora da ASCORSAN?*
- 1.1.2. *Qual o déficit anual desta empresa que querem privatizar?*
- 1.1.3. *Este estado já conseguiu vender a parte energética, a parte de comunicações e se encaminha para finalmente vender o*

saneamento. De onde este estado vai tirar dinheiro para pagar suas contas?

2. DECLARAÇÕES

2.1. Limitações do estudo

A entrevista limitou-se a questionar o Presidente da ASCORSAN sobre temas relacionados a manutenção das atividades e inovação administrativa.

2.2. Agradecimentos

Ao Presidente da ASCORSAN Cléber Machado pela disponibilidade em fornecer a entrevista.

2.3. Funding source

A fonte de financiamento desta entrevista foi o JLPPHS.

2.4. Conflito de interesses

O autor não possui conflitos na publicação.

2.5. Acesso aberto

This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0) International License, which permits use, sharing, adaptation, distribution, and reproduction in any medium or format, as long as you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The images or other third-party material in this article are included in the article's Creative Commons license unless indicated otherwise in a credit line to the material. If material is not included in the article's Creative Commons license and your intended use is not permitted by statutory regulation or exceeds the permitted use, you will need to obtain permission directly from the copyright holder. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



DEPRESSÃO INFANTIL NO BRASIL – UMA REVISÃO DA LITERATURA

CHILD DEPRESSION IN BRAZIL - A LITERATURE REVIEW

Luísa Canto Erthal *

Universidade de Vassouras, Pró-reitoria de Ciências médicas, Faculdade de Medicina. Brasil.

Guilherme Felipe Dutra Silva

Universidade de Vassouras, Faculdade de Medicina. Brasil.

Aline Trovão Queiroz

Universidade de Vassouras, Faculdade de Medicina. Brasil.

** Corresponding author*

e-mail: lcantoerthal@hotmail.com

Received 06 February 2022; received in revised form 20 February 2022; accepted 20 April 2022

RESUMO

Introdução: A depressão infantil é um transtorno de humor muito prevalente na sociedade atual. Seu debate começou a se tornar relevante a partir dos anos 60 e, apesar de não haver dúvidas quanto a sua existência, o assunto ainda é pouco discutido. **Objetivo:** A proposta deste artigo é demonstrar a relevância do assunto devido a sua alta prevalência e subdiagnóstico. **Métodos:** Foi realizada uma revisão da literatura a respeito da Depressão Infantil no Brasil a partir de buscas nas bases de dados Pubmed, Scielo e Google Acadêmico, entre os anos de 1989 e 2020, em português e inglês, por meio dos descritores: “depressão infantil”, “sintomas de depressão” e “tratamento da depressão infantil” combinado entre si. Foram utilizados livros-textos, dados do Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OMS) e artigos-chave selecionados a partir de citações em outros artigos. A partir da análise dos dados encontrados, foram selecionados vinte e dois títulos que apresentam relação direta com o atual trabalho. **Resultados e discussão:** No Brasil meninas e crianças entre treze e quatorze anos são as mais acometidas pela doença. Atualmente o DSM não a diferencia da depressão no adulto apesar das manifestações atípicas de seus sintomas nas crianças. As famílias ainda apresentam grande dificuldade em identificar o distúrbio na criança, sendo o maior obstáculo entender e aceitar que as mudanças comportamentais possam fazer parte de um quadro depressivo. **Conclusão:** Normalizar a discussão do tema é importante para que exista mais informações sobre a doença e, conseqüentemente, mais conhecimento seja disseminado tanto para a comunidade médica como para as famílias de crianças acometidas. Desta forma será possível prevenir seu aparecimento e, quando presente, facilitar a sua detecção, melhorando a qualidade de vida dos envolvidos e evitando desfechos negativos como o suicídio infantil..

Palavras-chave: *Depressão infantil; Distúrbios do humor na infância; Psiquiatria infantil.*

ABSTRACT

Background: Childhood depression is a very prevalent mental health condition in today's society. Its debate began to become relevant in the 1960s and, although there is no doubt about its existence, the subject is still little discussed. **Aim:** The purpose of this paper is to demonstrate the relevance of the subject due to its high prevalence and underdiagnosis. **Methods:** A literature review on Childhood Depression in Brazil was carried out based on researches in Pubmed, Scielo and Google Scholar databases, between 1989 and 2020, in Portuguese and English, using the descriptors: “child depression”, “symptoms of depression” and “treatment of childhood depression” combined together. Textbooks, data from Ministério da saúde, the World Health Organization (WHO) and key articles selected from citations in other articles were used to compose the paper. From the analysis of the data found, twenty-two titles that are directly related to the current work were selected. **Results and discussion:** In Brazil, girls and children between thirteen and fourteen years old are the most affected by the disease. Currently, the DSM does not differentiate it from adult depression, despite the atypical manifestations of

its symptoms in children. Families still have great difficulty on identifying this disorder the biggest obstacle is understanding and accepting that behavioral changes can be part of a depressive condition. **Conclusions:** Normalizing the discussion of the topic is important so that there is more information about the disease and, consequently, more knowledge is disseminated both to the medical community and the families of affected children. This way, it will be possible to prevent its appearance and, when present, facilitate its detection, improving life quality of those involved and avoiding negative outcomes such as child suicide.

Keywords: *Childhood depression; Mood disorder in children; Child psychiatry.*

1. INTRODUÇÃO:

Depressão é definida como um transtorno de humor caracterizado por tristeza contínua e perda de interesse em realizar atividades que antes eram consideradas prazerosas, junto a uma impossibilidade de realizar atividades diárias por, pelo menos, duas semanas (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2007). Pode ocorrer em todas as faixas etárias, sendo mais comum entre jovens e idosos, principalmente do sexo feminino. Por razões ainda não totalmente elucidadas a doença tem se tornado cada vez mais frequente, provavelmente devido à melhor identificação e esclarecimento a respeito da mesma (Lafer, Almeida, Fráguas and Miguel, 2000).

De acordo com a OMS (2007), a depressão ocupa a quarta posição entre as principais causas de ônus acarretados por todas as doenças durante a vida (4,4%) e a primeira posição quando se considera o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%).

Mundialmente, a doença está entre os transtornos mentais mais prevalentes da atualidade e é a terceira maior causa de incapacidade, superada apenas por doenças diarreicas e infecções respiratórias (Smith, 2014). Geralmente está associada a relações familiares e românticas problemáticas, além de nível educacional e socioeconômico baixo e risco aumentado de mortalidade precoce por suicídio (Weersing, Bolano, Do, Schwartz and Jeffreys, 2017).

A Depressão Infantil começou a ser discutida no campo da psiquiatria a partir da década de 60. Antes disso, acreditava-se que ela não existia ou até, que seria extremamente rara na população. Atualmente não há mais dúvida quanto a sua ocorrência (White, 1998; Bandim, Sougey and Carvalho, 1995; Cruvinel and Boruchovitch, 2003).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V [DSM-V], (2014), a depressão na criança se manifesta de maneira semelhante à depressão no adulto, podendo apresentar apenas algumas alterações

como, por exemplo, humor irritável ao invés de tristeza ou queda de rendimento acadêmico devido ao prejuízo da capacidade de pensar e se concentrar. Dessa forma, o diagnóstico de Depressão Infantil deve ser feito tanto pelos critérios do adulto como por adaptações do mesmo (White, 1989; Bandim *et al.*, 1995).

O objetivo do presente artigo é ressaltar a importância quanto à discussão da Depressão Infantil no Brasil, por ser uma doença que engloba fatores sociais, psicológicos e familiares, sendo sua discussão de extrema relevância para a melhor compreensão do ser humano em seu contexto biopsicossocial, além de esclarecer dúvidas que ainda possam existir sobre o assunto.

2. MATERIAIS E MÉTODOS:

O presente trabalho apresenta uma revisão da literatura a respeito da Depressão Infantil no Brasil. A busca foi realizada nas bases de dados Pubmed, Scielo e Google Acadêmico, entre os anos de 1989 e 2020, em português e inglês, por meio dos seguintes descritores: “depressão infantil”, “sintomas de depressão” e “tratamento da depressão infantil” combinados entre si.

Foram utilizados também livros-textos, considerando o valor informativo do material, dados do Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde (OMS) além de artigos-chave selecionados a partir de citações em outros artigos.

A partir da análise dos dados encontrados, foram selecionados vinte e dois títulos que apresentam relação direta com o atual trabalho. Para essa seleção foram levados em conta trabalhos desde o início dos estudos sobre o tema até os dias atuais devido à relevância de seu entendimento por ser um assunto ainda tão pouco explorado. Outros artigos encontrados a partir dos descritores foram excluídos por abordarem assuntos isolados ou muito específicos que fogem ao foco do artigo em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

3.1. Resultados

Ao pesquisar o termo “depressão infantil” nas bases científicas Pubmed, Google acadêmico e Scielo foram encontrados respectivamente 4, 76.400 e 139 títulos; já “sintomas da depressão” mostrou respectivamente 12, 176.000 e 1.285 títulos; por fim, o termo “tratamento da depressão infantil” apresentou 0, 56.500 e 14 resultados nas mesmas bases de dados respectivamente.

A amostra final da revisão foi composta por 22 títulos, os quais foram selecionados a partir de critérios de inclusão previamente determinados. Dentre os artigos, dois foram encontrados na base de dados Pubmed, oito no Google Acadêmico e cinco no Scielo. Além desses, foram selecionados quatro livros-textos, um material eletrônico disponível na internet e dois dados de autoria corporativa. Em caráter de suas relevâncias acerca do assunto, foram selecionados e incluídos como referência do atual artigo.

No Brasil ainda existem poucos estudos a respeito da Depressão Infantil. Uma pesquisa realizada por Hallak (2001) com 602 escolares na faixa etária de sete a doze anos de uma escola pública em Ribeirão Preto – SP revelou que 6% das crianças apresentavam depressão quando avaliadas pelo Inventário de Depressão Infantil (CDI) e 3% quando utilizada a Escala de Sintomatologia Depressiva para professores (ESDM). Independentemente da idade, a prevalência da doença foi significativamente maior em meninas.

Em comparação, um estudo realizado na Paraíba por Barbosa e Gaião (2001) evidenciou que 22% das 807 crianças na faixa etária de sete a dezessete anos avaliadas apresentavam sintomas depressivos, principalmente entre treze e catorze anos. Ainda a fim de analisar as características psicométricas da escala para avaliação de depressão em crianças (CDRS-R), os mesmos autores observaram 344 crianças entre onze e treze anos, em que foi registrado uma prevalência de 0,9% de depressão maior e 3,2% de distímia.

Para ser considerado um episódio depressivo maior, é necessário que o indivíduo apresente, pelo menos, cinco dos seguintes sintomas: humor deprimido na maior parte do dia, falta de interesse nas atividades diárias, alteração de sono e apetite, falta de energia, alteração na atividade motora, sentimento de inutilidade, dificuldade para se concentrar, pensamentos ou tentativas de suicídio. Desses, obrigatoriamente

deve estar incluído humor deprimido em grande parte do dia ou falta de interesse pela maioria das atividades. Além disso, deve ainda ocorrer em um período de, pelo menos, duas semanas (DSM, 2014).

Apesar de não haver diferenciação no diagnóstico de depressão infantil e depressão do adulto de acordo com o DSM (2014), é preciso ficar atento quanto às manifestações atípicas dos sintomas na criança. Isso ocorre devido a variações de idade e de fase do desenvolvimento em que cada uma se encontra. Dessa forma, alguns autores sugerem o uso do termo “depressão mascarada” para caracterizar a doença quando se apresenta em crianças, ou seja, ela existe, mas é mascarada por outros problemas comportamentais (DSM, 2014; Dilillo, *et al.*, 2015).

A depressão infantil pode se apresentar com sintomas de melancolia, baixa autoestima, pessimismo, isolamento social, sentimento de rejeição, baixa energia para realizar atividades físicas e de lazer, cansaço, dificuldade para iniciar tarefas, atenção e concentração reduzidas, irritabilidade ou agressividade, medo inexplicado, transtornos alimentares, transtornos de sono, dor de cabeça, indigestão, ideação ou tentativas suicidas. De maneira geral, tanto na depressão infantil como na doença no adulto, ocorrem alterações orgânicas, mudanças de humor e comportamento (White, 1989; Seligman, 1992).

A taxa de suicídio infantil ainda é pequena quando comparada à idade adulta (Reynolds and Mazza, 1994). É mais prevalente em meninos até os doze anos e, a partir desta idade, se torna mais frequente em meninas (Dilillo, *et al.*, 2015; Rossi and Medeiros, 2020). De acordo com o Ministério da Saúde (2017), entre os anos de 2011 e 2016 foram notificadas 48.200 tentativas de suicídio ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Dentre elas, 179 estavam presentes na faixa etária de 0 a 9 anos e 10.583 na faixa etária de 10 a 19 anos.

3.2. Discussão

A grande questão a cerca da depressão infantil está no fato de que as famílias ainda têm muita dificuldade em identificar o distúrbio na criança, principalmente devido a sua apresentação muitas vezes atípica. Estudos revelam que o maior obstáculo está em entender que as mudanças comportamentais demonstradas pela criança possam fazer parte de um quadro depressivo e aceitar que as mesmas podem ficar deprimidas (Nakamura and Santos,

2007).

Muitas vezes a doença só é percebida pelos familiares quando as atitudes e comportamentos dessas crianças já se destacam o suficiente para que chamem atenção dos adultos, dessa forma, seu diagnóstico precoce é atrasado, dificultando a resolução do caso (Nakamura and Santos, 2007).

Após o diagnóstico é importante que rapidamente a criança seja avaliada e o tipo de tratamento adequado seja definido. Inicialmente é necessário definir a origem da depressão, o porquê dela estar ocorrendo. Muitas vezes esse distúrbio está associado a falhas na educação, prejuízo no funcionamento psicossocial, transtornos psiquiátricos ou até maus tratos (Lima, 2004). Para a escolha do tratamento correto é importante realizar o exame do estado mental da criança e ainda levar em conta a idade, duração do transtorno, sua gravidade, cronicidade, questões contextuais e grau de comprometimento psicossocial (Maj and Sartorius, 2005).

Na maior parte das vezes o tratamento mais indicado para o transtorno é psicoterapia que envolva tanto a família como a escola. Nos casos de maior gravidade, em que seja necessário um resultado mais imediato e os que não são resolvidos com psicoterapia deve ser empregado o uso de terapia medicamentosa (Sigolo, 2008; Miranda, *et al.*, 2013).

Em 2011, a fim de ampliar o acesso aos serviços de saúde mental no Brasil, o Ministério da Saúde criou a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Dentre os serviços que a compõe, está o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), referência municipal para atendimento de pessoas com sofrimento ou transtorno mental (Ministério da Saúde [MS], 2011).

A partir do aumento progressivo no número de casos da doença em crianças e adolescentes, foi implantado o CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial infantil), que oferece atendimento a essa população em cidades e/ou regiões com pelo menos 70.000 habitantes (MS, 2011).

4. CONCLUSÕES:

A partir dos dados analisados, verifica-se a

extrema importância de existir o debate sobre o assunto de forma preventiva. A cada ano estudos mostram aumento no número de diagnósticos de depressão infantil e tentativas de suicídio entre crianças.

Doenças que ainda são tratadas como “tabu” pela sociedade, como a depressão infantil, envolvem desinformação e desconhecimento, dificultando dessa forma a detecção do diagnóstico, procura de tratamento e, inclusive, aderência ao mesmo.

Normalizar esse tipo de discussão amplia o acesso a informações a cerca da doença, possibilitando a identificação dos acometidos e, conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida tanto da criança como de seus familiares. Além disso, ainda permite a redução do número de casos com desfecho negativo, sendo o suicídio o mais grave.

5. DECLARAÇÕES

5.1. Limitações do estudo

Apesar de ser um assunto de extrema importância, a depressão infantil ainda é pouco abordada tanto no meio médico como no cotidiano do brasileiro. Isso, de certa forma, limita o estudo.

5.2. Fonte de financiamento

Esta pesquisa foi financiada pelos autores

5.3. Conflito de interesse

Não existem conflitos de interesses nesta publicação.

5.4. Acesso livre

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC BY 4.0) Internacional, que permite o uso, compartilhamento, adaptação, distribuição e reprodução em qualquer meio ou formato, desde que você dê os devidos créditos ao(s) autor(es) original(is) e a fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se foram feitas alterações. As imagens ou outro material de terceiros neste artigo estão incluídos na licença Creative Commons do artigo, salvo indicação em contrário em uma linha de crédito para o material. Se o material não estiver incluído na licença Creative Commons do artigo e seu uso pretendido não for permitido por regulamentação legal ou exceder o uso permitido, você precisará obter permissão diretamente do detentor dos direitos autorais. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.

6. REFERÊNCIAS:

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION DSM-5 ®. (2014). <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>
2. Bandim, J. M., Sougey, E. B., and Carvalho, T. F. R. de. (1995). Depressão em crianças: características demográficas e sintomatologia. [Review of *Depressão em crianças: características demográficas e sintomatologia*]. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1(44), 27–32. Index Psicologia - Periódicos.
3. Barbosa GA, Gaião AA (2001). *Apontamentos em Psicopatologia infantil. João Pessoa: Ideia*.
4. Cruvinel, M., and Boruchovitch, E. (2003). Depressão infantil: uma contribuição para a prática educacional. *Psicologia Escolar E Educacional*, 7(1), 77–84. <https://doi.org/10.1590/s1413-85572003000100008>
5. Cruvinel M, Boruchovitch, E (2009). *Sintomas de depressão infantil e ambiente familiar. Rev Psicol em Pesq*, 3(1): 87-100.
6. Dilillo, D., Mauri, S., Mantegazza, C., Fabiano, V., Mameli, C., and Zuccotti, G. V. (2015). Suicide in pediatrics: epidemiology, risk factors, warning signs and the role of the pediatrician in detecting them. *Italian journal of pediatrics*, 41(1), 1-8.
7. Hallak, L. R. L. (2001). *Estimativa da prevalência de sintomas depressivos em escolares da rede pública de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
8. Lafer, B., and Al, E. (2001). *Depressão no ciclo da vida*. Artmed.
9. Lima, D. (2004). Depressão e doença bipolar na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 11-20.
10. Maj, M., Sartorius, N (2005). *Transtornos depressivos*. Porto Alegre Artmed.
11. Ministério da Saúde (2011). Secretaria de Políticas de Saúde. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).
12. Ministério da Saúde (2017). Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. *Bol Epidemiol* 48(30), 1-14.
13. Miranda, M. V., Firmo, W. D. C. A., de Castro, N. G., Alves, L. P. L., Dias, C. N., Rêgo, M. M., ... and Dias, R. S. (2013). Depressão infantil: aspectos gerais, diagnóstico e tratamento. *Cadernos de Pesquisa*, 20(3), 101-111.
14. Nakamura, E., and Santos, J. Q. D. (2007). Depressão infantil: abordagem antropológica. *Revista de saúde pública*, 41, 53-60.
15. Organização Mundial da Saúde (2007). **Depressão: o que você precisa saber**. Recuperado em 09 de fevereiro de 2022, de <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>
16. Reynolds WM, Mazza JJ (1994). *Suicide and Suicidal Behaviors in Children and Adolescents In: Reynolds WM. Handbook of Depression in Children and Adolescents. New York: Plenum Pres.*
17. Rossi, C., and Medeiros, I. S. (2020). SUICÍDIO INFANTIL: QUANDO A BRINCADEIRA É FATAL. *Revista Inova Saúde*, 10(1), 56-69.
18. Seligman, M. E. P. (1992). *Aprenda a ser otimista*. Record.
19. SIGOLO AM (2008). Depressão infantil. Monografia [Especialização em Psicopedagogia] - Universidade Tuiuti do Paraná.
20. Smith, K. (2014). Mental health: a world of depression. *Nature*, 515(7526), 181. <https://doi.org/10.1038/515180>
21. Weersing, V. R., Jeffreys, M., Do, M.-C. T., Schwartz, K. T. G., and Bolano, C. (2017). Evidence Base Update of Psychosocial Treatments for Child and Adolescent Depression. *Journal of Clinical*

Child and Adolescent Psychology : The Official Journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53, 46(1), 11–43.

<https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1220310>

22. White, J. L. (1989). *The troubled adolescent*. Pergamon Press.



COVID 19 E O SETOR EDUCACIONAL

COVID 19 AND THE EDUCATIONAL SECTOR

Renan Antônio da Silva*

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Pós-Graduação em Políticas Públicas, Brasil.

** Corresponding author*

e-mail: renan@doutorrenan.com.br

Received 12 March 2022; received in revised form 30 March 2022; accepted 14 April 2022

RESUMO

Introdução: A pandemia de covid-19 influenciou negativamente o setor educacional, ocasionando alterações no formato do ensino e nas ferramentas utilizadas para o exercício da profissão docente. **Objetivo:** apresentar a experiência da formação de professores a partir do estágio docente, em tempos de pandemia, sob a metodologia do Ensino Remoto Emergencial. **Desenvolvimento:** O autor analisou múltiplas dimensões da formação de mestre e de doutores através de correlações com a literatura. Os desafios do ensino remoto emergencial no contexto da pandemia da covid-19, foram abordados frente as limitações enfrentadas pelos docentes e discentes de Serviço Social frente ao modelo educacional imposto pela situação. **Conclusões:** As rápidas transformações em decorrência da pandemia ocasionaram um amplo debate sobre a qualidade do ensino e da formação de profissionais. A necessidade de rápida adaptação ao sistema remoto, sem capacitação adequada de professores e de discentes, impôs um conjunto de desafios e de limites para a prática educativa, quando houve a necessidade de revisão de programas de ensino, textos de estudos e um encolhimento dos encontros via remoto.

Palavras-chave: *Pandemia; Serviço Social; Formação de Professores; Teoria e Prática*

ABSTRACT

Background: The covid-19 pandemic has negatively influenced the educational sector, causing changes in the teaching format and in the tools used to exercise the teaching profession. **Objective:** to present the experience of teacher training from the teaching internship under the Emergency Remote Teaching methodology in times of pandemic. **Development:** The author analyzed multiple dimensions of the formation of masters and doctors through correlations with the literature. The challenges of an emergency remote teaching in the context of the covid-19 pandemic were addressed because of the limitations faced by teachers and students of Social Work in the face of the educational model imposed by the situation. **Conclusions:** The rapid changes resulting from the pandemic caused a broad debate on the quality of education and training of professionals. The need to quickly adapt to the remote system, without adequate training for teachers and students, imposed a set of challenges and limits for educational practice when there was a need to review teaching programs, study texts, and a shrinking of remote meetings.

Keywords: *Pandemic; Social Service Work; Teacher Training; Theory and Practice.*

1. INTRODUÇÃO:

A universidade historicamente tem sido espaço de formação profissional e da produção do conhecimento, proporcionando que esses resultem em benefícios sociais, intelectuais, culturais e econômicos para o conjunto da sociedade. Na universidade, temos o espaço de formação de profissionais, de pesquisadores, de professores e do pensamento crítico e de processos que superem exclusivamente o tecnicismo.

O espaço universitário é um ambiente rico e plural, próprio para o debate de ideias, onde o exercício dos princípios e dos valores democráticos são exercidos, com a liberdade de cátedra, a transparência e o compromisso ético com os valores republicanos e populares.

A base de uma educação libertadora, associada a uma universidade democrática e popular, demanda não apenas o desenvolvimento de competências técnicas para a atuação no mundo do trabalho, em forte transformação, mas também a preocupação com a capacidade de entendimento do mundo contemporâneo, com suas novas relações interpessoais, com respeito à diversidade social e cultural, com responsabilidade e confiança na ciência.

O exercício desses valores proporciona a interação e a articulação das dimensões das atividades de ensino, pesquisa e extensão. O tripé que constitui a universidade se caracteriza pela pluridisciplinaridade de formação dos quadros de nível superior com o cultivo do saber produzido por gerações.

A pluralidade do conhecimento e de suas disciplinas permeiam a formação de um conjunto amplo de profissionais e de docentes. No caso da formação em Serviço Social para a docência, sinaliza-se o objetivo precípua de formar profissionais críticos, capazes de construir e de reconstruir reflexões e explicações sobre a dinâmica pedagógica, teórica e prática com vistas ao cotidiano dos sujeitos. Esse objetivo está ancorado na atenção aos “[...] atuais cenários e tendências das transformações societárias do mundo contemporâneo” (YAZBEK; SILVA E SILVA, 2005, p. 32).

Nesse processo de formação, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* têm, por enfoque, um conjunto extenso de inquietações e de agenda de questões trabalhadas por meio da pesquisa científica, da reflexão, da crítica, que contribuem para o “[...] desenvolvimento pleno da atividade intelectual, das aventuras do espírito que têm lugar privilegiado” (YAZBEK; SILVA E SILVA, 2005, p. 34), presentes como processo na preparação para a docência. Um dos componentes curriculares para a formação de professores, na pós-graduação, é o estágio em docência, presente como requisito a ser cumprido pelo professor em formação. Embora seja uma exigência, destacamos sua importância na capacitação de mestres e de doutores na formação de profissionais para a docência. Essa vivência proporciona o desenvolvimento de habilidades importantes tanto para formação docente, quanto para a formação acadêmica intelectual, para o desempenho de ações críticas e reflexivas que superem a prática pela prática e que apreendam as experiências e a formação teórica como partes do processo formativo e pedagógico.

O estágio em docência possibilita, portanto, o aprimoramento profissional por meio da experiência adquirida em sala de aula, ao se unir com o rico arsenal teórico do professor em formação com o exercício da prática educativa. No entanto, em tempos de pandemia da Covid-19, que modificam as relações de trabalho em escala mundial, apresentam-se novas nuances à atuação profissional pedagógica, não apenas para os docentes, mas para a classe que vive do trabalho e que se conseguiu manter empregada (ANTUNES, 2020).

O sistema remoto emergencial, implantado para reduzir os prejuízos com a formação profissional, invade as relações profissionais e pessoais, compele a comunidade acadêmica a assimilar novas técnicas e expressa ainda um processo amplo de intensificação da jornada de trabalho explicitado pelas múltiplas reuniões, grupos de trabalho, comissões, disciplinas, orientações, pesquisas, extensão, que se descolam do tempo de trabalho na instituição e invadem o ambiente doméstico, dias e noites, finais de semana, feriados. O tempo do “não trabalho” passa a ser absorvido pelas novas tecnologias do trabalho remoto.

Diante desse processo de adaptação da jornada de trabalho, lutando para sobreviver em meio aos altos números de mortes diárias pela Covid-19, estão docentes, pós-graduandos em formação para a docência e discentes que veem suas vidas invadidas pelo sistema remoto, quando existe acesso à internet e aos equipamentos para esses últimos. Para as mulheres mães então, essas têm que fazer malabarismo entre estabilidade da internet, atenção à família e aos filhos, que correm pela casa no meio da aula, que choram, que aguardam pela refeição já atrasada. Assim, a questão de gênero está posta no ensino remoto. Aciona-se assim o botão de “multitarefa” para todos os lados.

Nesse contexto, o presente artigo tem, como objetivo, apresentar a experiência da formação de professores a partir do estágio docente, em tempos de pandemia, sob a metodologia do Ensino Remoto Emergencial.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1. As múltiplas dimensões da formação de mestre e de doutores

O processo de formação superior, no Brasil, emerge a partir da instalação da família real no país, em 1808. Por intermédio da corte portuguesa, foram criadas as primeiras escolas de formação superior, para atender a seus interesses. Naquele período, foram formados os cursos ditos de elite: Medicina, Direito e Engenharia. Também a universidade se foi consolidando como espaço de discussão acerca da realidade social, para além das bases teóricas (FAVERO, 2006). Assim, em 1942, foi criado o estágio supervisionado, passando a fazer parte da formação acadêmica, complementar à formação teórica.

Nessa direção, no início da década de 1970, houve um investimento por parte do Governo Federal com objetivo de expandir o número de vagas e de cursos ofertados nas universidades públicas. Chamlian (2003) destaca que, a partir de 1968, diante da reforma universitária, há maior investimento público para a pesquisa, no âmbito acadêmico, o que proporcionou a emergência dos cursos de pós-graduação. Esse processo transformou os professores em pesquisadores.

Vale destacar que, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, tenha sido um importante mecanismo que desvinculou a educação profissional da educação básica, apontou para o estágio na pós-graduação *stricto sensu*. Assim, diante da crescente demanda, a LDB passa a regulamentar o estágio superior e profissionalizante, a partir de seu Artigo 82 (BRASIL, 1996).

Diante desse avanço, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) passa a exigir o estágio docente para todos os bolsistas de mestrado e doutorado matriculados nos cursos de pós-graduação. Os responsáveis pela Capes acreditavam que esse processo diminuiria o impacto dos alunos de pós-graduação que optassem por lecionar, sendo essa uma possibilidade para depois da formação (BRASIL, 1999). Como aponta Chamlian (2003, p. 59), "[...] *mais do que uma formação pedagógica, em sentido estrito, a necessidade está no despertar da valorização da tarefa de ensino*". Nesta direção, destacamos a importância do estágio docente no processo de formação de mestres e de doutores.

O estágio em docência se apresenta como um espaço de interação com as práticas pedagógicas, articulando-se com os princípios formativos do indivíduo social e com os aspectos teóricos e técnico-instrumental. No âmbito do Serviço Social, o estágio docente tem, por base, os pressupostos ético-políticos, técnico-operativos e teórico-metodológicos (ABEPSS, 1996), assim como o caráter investigativo da profissão, expresso no Código de Ética de 1993 e nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social.

O Serviço Social atua numa linha tênue entre a dimensão funcional à reprodução do capital e a luta por direitos de cidadania, na mediação dos sistemas de controle social e institucionais, onde se situa o exercício profissional na produção e na reprodução da força de trabalho.

Nessa direção, ao longo do desenvolvimento da sociedade e dos processos sociais, o profissional insere-se, em um primeiro momento, nos moldes do sistema de produção fordista/taylorista e posteriormente no modelo de acumulação flexível do Toyotismo. Diante disto, a profissão ganha contornos singulares na divisão sociotécnica do trabalho e na construção da crítica contra as formas de dominação e de subalternização da população.

O exercício do estágio em docência captura essa lógica no seu processo formativo e o torna espaço de reflexão e de crítica de uma lógica "educativa" e "ressocializadora" da expansão do modo de produção capitalista e da implementação da ordem mercadológica, em detrimento das relações sociais mais igualitárias.

Nesse sentido, com base na lei da acumulação capitalista, pode-se compreender o tipo de exploração que se estabelece nessa sociedade: a miséria cresce na mesma medida que a acumulação do capital. Assim, compreendendo o processo de produção do capital, pode-se apreender a "questão social" como fenômeno datado a partir do século XIX, quando a extensão do pauperismo alcançava uma gama maior de indivíduos e não apenas aos doentes, inválidos, idosos, viúvas, dentre outros.

De acordo com Wanderley (2013), a questão social funda-se pelas relações sociais que

abrangem as dimensões econômicas, políticas, culturais e religiosas que se expressam na concentração de poder e de riqueza da classe dominante e na pobreza generalizada das demais classes. Esse processo traz rebatimentos sobre todas as dimensões da vida social, do cotidiano.

Segundo Netto (2001), o pauperismo do século XIX emerge e passa a fazer parte da agenda de debates da burguesia quando os pauperizados passam a não se conformar com sua situação, configurando uma ameaça real às instituições sociais vigentes. Neste contexto, a questão social está relacionada aos seus desdobramentos políticos. Ela expressa disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais mediatizadas por relações de gênero, étnico-raciais e por formações regionais; é uma luta que clama por cidadania (IAMAMOTO, 2018).

Na contemporaneidade, a questão social vem adquirindo novas modalidades em decorrência das relações entre capital e trabalho, nas modificações no processo produtivo, na gestão do Estado acerca das políticas sociais, que passa a adquirir um caráter de “princípio de exclusão”, que são os excluídos do processo produtivo, os trabalhadores assalariados e precários. Esse processo se acirra em decorrência, em muitos casos, da origem étnica, das relações de gênero, da orientação sexual e mais recentemente com os efeitos da pandemia da Covid-19.

As mazelas produzidas por esse sistema se transformam em questão social quando é percebida e assumida por um setor da sociedade, que tenta torná-la agenda pública. Destaca-se, nesse contexto, a importância da construção de uma identidade coletiva para a emergência da questão social.

Vale lembrar que existem diferentes formas de exercício do poder que impedem a explicitação de uma “problemática social”, como negá-la e afirmar a sua inevitabilidade diante da expansão do capital, o que faz com ele se perpetue por gerações e invada os espaços de socialização, de educação e do trabalho.

Diante dessa afirmativa, pensar o papel do Serviço Social e da docência frente essa problemática se faz movimento de suma importância. O ponto de partida para a análise do Serviço Social é o de que a profissão possui íntima relação com as particularidades assumidas pelo desenvolvimento da sociedade brasileira no âmbito da divisão internacional do trabalho, como também é resultante dos sujeitos sociais que constroem sua trajetória e direcionam seus rumos (IAMAMOTO, 2018).

Para pensar as competências e as atribuições do assistente social docente, é necessário lançar o olhar para mudanças no padrão de acumulação e de regulação social, nos marcos da chamada globalização da produção, dos mercados e dos bens culturais, que provoca profundas alterações na produção de bens e serviços, nas formas de organização e na gestão do trabalho.

Destaca-se que, de acordo com Wanderley (2013), a globalização são articulações globais que estabelecem rede de diferenciação, de oposição e de conflito. Não se apresenta como uma nova ordem mundial, mas como um sistema de ordem e de desordem, matriz de novos conflitos, que traz consigo a precarização dos “incluídos” e o aumento dos números dos “excluídos”, o que passa a demandar ação do Estado para além da repressão. Assim, a globalização não é resultante das exigências do avanço tecnológico, são decisões políticas tomadas em função de interesses de grupos e de países dominantes.

No mundo do trabalho, essas alterações são agravadas pela contrarreforma do Estado nos seus diferentes níveis de poder e na sua relação com a sociedade, pela privatização e pela remoção da responsabilidade do Estado com as necessidades sociais. É nesse contexto que altera a demanda de trabalho do assistente social docente, modifica o mercado de trabalho, altera os processos de trabalho e as condições em que se realizam, nos quais os assistentes sociais ingressam como profissionais assalariados. As relações de trabalho tendem a ser desregulamentadas, flexibilizadas e intensificadas (DAL ROSSO, 2008).

As transformações no mundo do trabalho têm alterado as relações entre Estado e sociedade, redefinindo o papel dos Estados nacionais e alterando os parâmetros de constituição de seu sistema de proteção social e dos sistemas educacionais, com ampla e profunda repercussão na órbita das políticas públicas, principalmente as políticas sociais, com suas conhecidas diretrizes de focalização, de descentralização, de redução de financiamentos e de regressão dos direitos sociais.

Diante desse contexto, devemos ter consciência de que os fenômenos acontecem a partir de

uma determinada ação, que refletem na configuração da realidade. Em outras palavras, a implementação das políticas neoliberais, no contexto da globalização, com foco na erradicação da miséria, aponta para a transformação no caráter das políticas públicas, que adquirem características emergenciais, celetistas, que selecionam os pobres entre os mais pobres para acessarem programas e benefícios. Essa tendência é reproduzida no âmbito das universidades, durante a pandemia. O acesso reduzido a mecanismos de preservação de matrículas, de apoio informacional e tecnológico, de conectividade são ações seletivas e pontuais a frações mais subalternizadas entre os discentes.

Esse processo é parte das manifestações de precarização do trabalho e das políticas públicas e atinge diretamente o projeto progressista de cidadania, já tão fragilizado com a instituição do neoliberalismo ultraconservador, atualmente vigente na cartilha do Palácio do Planalto.

Os processos de precarização também impactam no trabalho de docentes. Temos, como expressão, o aumento de contratos de trabalho precários, trabalhos temporários, trabalho por projetos e a crescente intensificação das jornadas, o que atinge os empregos formais e mesmo os informais. Essa precarização das condições de trabalho interfere diretamente na prestação de serviços, com qualidade e continuidade, como também mecaniza as relações sociais do docente com os discentes, em que os sujeitos passam a representar números de atendimentos, além de afetar o sistema de formação desses profissionais (IAMAMOTO, 2018).

Esse debate se faz necessário tanto no âmbito das universidades, quanto nos diversos espaços ocupacionais. Na atualidade, a discussão acerca da reconfiguração do trabalho faz-se movimento de suma importância. Para exemplificar: o trabalho remoto apresenta-nos uma dinâmica intensa, que invade nossa vida privada, nossos momentos de lazer e de repouso. São horas e horas de aulas, reuniões, seminários, assistindo *lives* extensas e respondendo a mensagens no WhatsApp®. A sensação é de que as fronteiras do trabalho foram ampliadas e atingiram 24h do nosso dia, tudo isso agregado à grande carga emocional diante da pandemia da Covid-19 e do distanciamento físico.

Assim, de repente, temos que nos preparar para o teleatendimento, para as aulas remotas, adequar todo cronograma preparado para uma aula presencial e dinâmica, ajustando à modalidade remota, onde os custos são repassados para os docentes e discentes em formação, que devem adaptar seus equipamentos e rotinas para o estudo. Destaca-se que a tecnologia deveria servir para a melhoria da qualidade de vida, no entanto, em muitos casos, tem-se mostrado como instrumento de intensificação do trabalho, tornando ainda mais precárias as relações de trabalhos, imprimindo uma nova morfologia (ANTUNES, 2018).

A pandemia da Covid-19 passou a questionar as práticas desenvolvidas em modo presencial, diante do distanciamento físico, em que a tecnologia se apresenta como alternativa à brusca interrupção do ensino e ao fechamento das instituições públicas e privadas.

2.2. Os desafios do ensino remoto emergencial no contexto da pandemia da Covid-19

Em março de 2020, a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o estado da pandemia da Covid-19 levou que os estados brasileiros, sob a orientação de distanciamento físico, interditassem a circulação de pessoas. As atividades educacionais, em todos os níveis e modalidades, foram suspensas (CASTIONI *et al.*, 2021).

No conjunto das ações para o enfrentamento da Covid-19, as universidades federais suspenderam suas atividades, como parte do processo de cuidados e de prevenção contra a disseminação da pandemia. No conjunto de ações desenvolvidas, as universidades iniciaram adequações em suas regulamentações e rotinas para se adaptarem às determinações sobre a saúde pública. Dentre as ações, inicia-se o processo para substituição temporária do modelo presencial por aulas em meio digital, enquanto durar a pandemia da Covid-19.

O modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a solução possível para a maioria das universidades seguirem com as ações de ensino, modalidade que se “[...] *diferencia da oferta da modalidade EaD, por apresentar concepção didático-pedagógica flexível.*” (UFF, 2020, p. 2).

A estratégia do ERE exigiu revisão do planejamento pedagógico, por conta da situação atípica e da necessidade de adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas para atender às demandas dos

discentes e docentes, impondo a reflexão sobre nova e velhas meditações no campo educacional (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Assim, diante das reflexões críticas acerca do estágio docente e da formação do Serviço Social e das transformações no mundo do trabalho, orquestradas pelo movimento do capital, destacamos que o ERE suscita o debate em torno das condições de trabalho, diante do processo de globalização, sobre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, sobre a relevância e o significado dos temas a serem abordados, bem como sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante (MARTINS, 2020 *apud* RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

A adoção do ERE constitui-se também como uma estratégia de proteção à saúde da população, de controle da contaminação do vírus, de proteção dos mais vulneráveis e de garantia de uma margem de segurança do sistema de saúde para que esse não colapsasse diante da ocupação dos leitos hospitalares.

O desenvolvimento da modalidade do ERE possibilitou que milhares de pessoas deixassem de circular nos *campi* universitários, no transporte coletivo municipal e intermunicipal. Por mais que a redução da circulação de pessoas impacte fortemente na economia, no emprego das pessoas e nas formas de manifestação do afeto, tal medida impede a circulação e a propagação do vírus, preservando vidas.

Destacamos que as maneiras de produzir e “gerenciar” a produção do conhecimento, no âmbito da educação superior, vem sofrendo grandes transformações, que remontam desde o final do último século, novas formas de abordagens tendo o sujeito como centro. No entanto a pandemia da Covid-19 obriga as instituições a repensarem sua relação com as diversas tecnologias.

Diante desse novo cenário, Gonçalves e Avelino (2020) destacam que:

[...] as relações humanas foram alteradas em pouco tempo, principalmente no primeiro semestre de 2020, pois novos desafios surgiram no cotidiano. Por outro lado, abriram outras possibilidades de trabalhos pedagógicos, plataformas digitais e inovações metodológicas poucos utilizadas anteriormente. (GONÇALVES; AVELINO, 2020, p. 42).

Nessa direção, diversos desafios perpassam o processo de ensino do estágio docente e das aulas remotas. O primeiro desafio é a interação entre discentes e suas intervenções. Estamos no ambiente de nossas casas, e é inevitável que alguém ou algo nos tire a atenção. É criança correndo e gritando, porque afinal ela está em casa. É o/a companheiro/a que demanda atenção. É o cachorro que late, querendo um pouco de atenção dos demais membros da casa. O barulho dos automóveis e motocicletas, a obra pública ou do vizinho, o carro com som alto de propaganda e de vendas, ou seja, uma infinidade de ruídos, distrações e perturbações que comprometem a concentração necessária.

O segundo desafio inscreve-se na instabilidade da internet e nos problemas com a tecnologia. Muitos discentes, embora tentem prestar atenção às aulas, entram e saem da sala virtual com frequência e perdem parte da reflexão sobre os conteúdos programáticos, não conseguem abrir suas câmeras e microfones em decorrência dessa instabilidade, o que explicita a desigualdade de acesso às tecnologias informacionais e computacionais.

O terceiro desafio que se apresenta é que, por diversas vezes, parece que estamos falando apenas com a máquina, com o computador, falta a interação humana, as expressões de afeto, de dúvida a falta de interação. Os rostos não aparecem, pois onde há instabilidade da internet, o fechar das câmeras diminui a chance de “queda”, de interrupção e de travamento do sistema. Ademais, haja malabarismo para manter a concentração, o interesse e o dinamismo.

A identidade docente é superdimensionada, e destacamos, nesse processo, a necessidade de reflexão acerca do assunto, que invade a vida privada dos sujeitos, reconfigura as responsabilidades e explicita a fragilidade das mulheres mães, docentes e discentes, identidades essas que, em muitos casos, são anuladas diante do excesso de demandas e das novas dimensões apresentadas pelas aulas remotas.

Nesse contexto, a alternativa é encontrar uma forma de sobreviver nesse “novo mundo”. As trocas e os compartilhamentos de ideias entre os docentes, entre os discentes, pode ser um caminho possível para amenizar a intensificação do trabalho e a solidão que o distanciamento físico pode ocasionar. Estratégias de como lidar com os recursos tecnológicos e com as exigências de discentes e de superiores fora do horário de trabalho podem fazer parte dessa rede de solidariedade.

Muitos dados são tornados invisíveis, para além da instabilidade da internet estão as questões que envolvem: a fome, o desemprego, situações de violência, a exaustão, o adoecimento emocional, o número de discentes e docentes infectados pela Covid-19 e a precarização das condições para a realização das atividades pedagógicas, que reflete a competência no processo de ensino-aprendizagem e o compromisso com a formação de qualidade.

Contudo, apesar de todos os desafios apresentados, acreditamos que o estágio docente, em ambiente ERE, apresenta limites, mas também é desafiador, pode ser acolhedor, o que nos proporcionou bons momentos de reflexão. Chamou-nos a atenção para a questão de que somos profissionais, mas somos seres humanos que sentimos medo, dores e que estamos todos sobrecarregados em tempos de pandemia e de distanciamento físico.

Nesses casos, “menos é mais”, menos carga de exercícios e mais reflexões de forma criativa e acolhedora. Ao longo do período letivo do curso de Serviço Social, houve a necessidade de diminuir o ritmo das aulas, diante das queixas de discentes em relação às atividades propostas, de uma forma geral. No entanto isso não significa que a reflexão e a fixação do conteúdo ministrado não esteve presente nesse processo. Destacamos que atividade de análise das expressões da realidade, em articulação com textos de disciplinas, trazem uma discussão pedagógica acerca da intensificação do trabalho pelas tecnologias informacionais e computacionais, conduzindo a um processo reflexivo. O resultado das análises proporcionou reflexões profundas, o que gerou prazer ao ler as análises dos discentes, ver a capacidade de argumentação, de crítica e de compreensão do momento pandêmico e das estratégias do ERE. A experiência, apesar de desafiadora, foi muito educativa e prazerosa.

3. CONCLUSÕES:

As rápidas transformações no sistema de ensino, em decorrência da pandemia provocada pela Covid-19, ocasionaram e tencionaram a promoção de um amplo debate sobre a qualidade do ensino e da formação de profissionais, especialmente para aquelas profissões que demandam uma interação dialógica, como é o caso dos professores da área de Serviço Social.

A necessidade de rápida adaptação ao sistema remoto, sem a capacitação adequada dos professores e dos discentes, impôs um conjunto de desafios e de limites para a prática educativa, quando houve a necessidade de revisão de programas de ensino, textos de estudos e um encolhimento dos encontros via remoto. O cenário de imposição de contingências por conta das estratégias de contenção da Covid-19, trouxeram através das telas dos computadores, ricos momentos de reflexão teórico-prática sobre o cotidiano das pessoas e sobre o cenário nacional, sobre as expressões da questão social e sobre suas formas de enfrentamento num mundo dominado pelos sistemas informacionais.

A modalidade de aulas remotas apresentou prós e contras, foi capaz de proporcionar uma certa flexibilidade e maior alcance geográfico. Por outro lado, pode acarretar altas taxas de evasão, o sentimento de solidão por parte dos discentes e dos docentes, a preocupação quanto à qualidade do ensino, dentre outras questões.

4. DECLARAÇÕES

4.1. Limitações do estudo

O estudo é limitado as observações realizadas pelo autor, contidas no cenário abordado.

4.2. Agradecimentos

O autor é grato a UECE pela oportunidade da realização da pesquisa.

4.3. Fontes de financiamento

O autor financiou a pesquisa.

4.4. Conflito de interesses

O autor não possui interesses conflitantes.

4.5. Open Access

This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0) International License, which permits use, sharing, adaptation, distribution, and reproduction in any medium or format, as long as you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The images or other third-party material in this article are included in the article's Creative Commons license unless indicated otherwise in a credit line to the material. If material is not included in the article's Creative Commons license and your intended use is not permitted by statutory regulation or exceeds the permitted use, you will need to obtain permission directly from the copyright holder. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.

5. REFERENCES:

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social**: com base no currículo mínimo aprovado em assembleia geral extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.
2. ANTUNES, Ricardo. A Explosão do novo proletariado de serviços. *In*: ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
3. ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus**: O trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.
4. BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 4 set. 2021.
5. BRASIL. **Circular nº 28, de 1º de setembro de 1999**. Estabelece requisitos para concessão de bolsas. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, [1999]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em: 4 set. 2021.
6. CASTIONI, Remi *et al.* **Universidades federais na pandemia da Covid-19**: a falta de acesso à internet interdita mesmo o ensino? Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2021. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10526?mode=full>. Acesso em: 12 ago. 2021.
7. CHAMLIAN, Helena Coharik. Docência na universidade: professores inovadores na USP. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 41-64, mar. 2003.
8. DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
9. FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.
10. GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro; AVELINO, Wagner Feitosa. Estágio supervisionado em educação no contexto da pandemia da Covid-19. **Boa Vista: Boletim De Conjuntura (Boca)**, ano I, v. 4, n. 10, jan./dez. 2020.
11. IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social, questão social e trabalho em tempo de capital fetiche. *In*: RAICHELIS, R.; VICENTE, D.; ALBUQUERQUE. V. **A nova morfologia do trabalho no serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.
12. NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-1964. São Paulo: Cortez, 2001.
13. NETTO, José Paulo. A questão social na América Latina. *In*: GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugênia Célia (org.). **A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano**. Vitória: Edufes, 2013.
14. RIBEIRO, Darcy. Povo, classe e poder. *In*: RIBEIRO, Darcy. **O dilema da América Latina**: estruturas de poder e forças insurgentes. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

15. RONDINI, Carina Alexandra.; PEDRO, Ketilin Mayara; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 6 set. 2021.
16. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF). **Resolução nº 160/2020**. Niterói: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2020.
17. WANDERLEY, Luiz Eduardo W. A questão social no contexto da globalização: o caso latino americano e caribenho. *In*: CASTEL, Robert; BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela; PAUGAM, Serge. **Desigualdade e a questão social**. 4. ed. São Paulo: Educ, 2013. Cap. 2. p. 61-172.
18. YAZBEK, Maria Carmelita; SILVA E SILVA, Maria Ozanira da. Das origens à atualidade da profissão: a construção da Pós-Graduação em Serviço Social no Brasil. *In*: CARVALHO, Denisa Bomtempo Birche de; SILVA E SILVA, Maria Ozanira da. (org.). **Serviço Social, Pós-Graduação e produção do conhecimento no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005.



SUGESTÃO DE LEITURA: 1984

READING SUGGESTION: 1984

Luis Alcides Brandini De Boni *

JLPPHS, Brazil.

* Corresponding author

e-mail: jlpphs@gmail.com

Suggestion 20 April 2022

RESUMO

Introdução: Nascido em 1903 e falecido em 1950, Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell, foi um escritor Britânico de origem Indiana. **Objetivo:** analisar as ideias de Orwell no livro 1984 e refletir suas semelhanças com a atualidade. **Métodos:** leitura e interpretação de uma distopia futurista publicada originalmente em 1949. Reflexão e busca de paralelismos com a atualidade. **Resultados e Discussão:** Com o declínio da sociedade baseada em valores morais sólidos e ciência baseada em fatos, talvez Orwell venha a ser considerado como um vidente ou profeta, as similaridades do livro 1984 com 2022 são grandes e pavorosas. **Conclusões:** O controle da sociedade pode ser obtido por vários meios, controlar a forma de pensar é fundamental.

Palavras-chave: 1984, Governos totalitários, espionagem em massa, pós-democracia.

ABSTRACT

Background: Born in 1903 and died in 1950, Eric Arthur Blair, better known by the pen name George Orwell, was a British writer of Indian origin. **Aim:** to analyze the ideas of Orwell in the book 1984 and reflect on their similarities with the present. **Methods:** reading and interpretation of a futuristic dystopia published initially in 1949. Reflection and search for parallels with the present (2022). **Results and Discussion** With the decline of a society based on solid moral values and fact-based science, perhaps Orwell will come to be regarded as a seer or prophet, the similarities of the book 1984 with 2022 are tremendous and appalling. **Conclusions:** society control can be achieved by various means, and control of the thought process is fundamental.

Keywords: 1984, Totalitarian governments, mass espionage, post-democracy.

1. INTRODUÇÃO:

Talvez em um futuro não muito distante, as gerações que não frequentaram a escola em virtude de uma doença de origem desconhecida não sejam capazes de distinguir a ficção da realidade, especialmente quando ambas parecem andar de mãos dadas. De tal forma, considerarão Orwell como um profeta. O Conselho de Governança da Desinformação, recentemente criado nos USSA lembra muito o ministério da verdade.

De acordo com um vídeo da rede

australiana de televisão *Sky News Australia*, disponível em https://youtu.be/yLX2_9E79z0 (vídeo 1), a recém nomeada diretora do Conselho de Governança da Desinformação (*Disinformation Governance Board*), Nina Jankowicz, já enfrenta críticas.

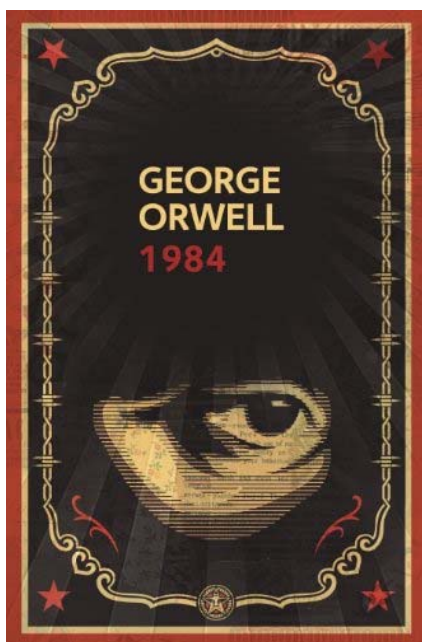
Após esta experiência na obra de Orwell, 1984, talvez o leitor tenha dificuldades de separar a realidade da ficção.

2. DESENVOLVIMENTO

O livro 1984, de George Orwell, possui uma versão em áudio-book traduzido para o Português. Link abaixo para o áudio-book.



Áudio-book em Português, disponível, em [youtube.com](https://www.youtube.com)



Capa do livro, disponível em [Amazon.com](https://www.amazon.com).

3. DISCUSSÕES:

Por se tratar de uma ficção o livro 1984 aborda problemas contemporâneos de forma surpreendentemente real.

4. CONCLUSÕES

A leitura da ficção 1984 causa inquietante comparação com a realidade atual e sobre qual será o destino da humanidade.

5. DECLARAÇÕES

5.1. Limitações do estudo

O estudo é restrito a leitura e posterior reflexão do 1984.

5.2. Agradecimentos

Nada a declarar.

5.3. Fonte de financiamento

Esta recomendação de leitura foi financiada pelo autor.

5.4. Conflito de interesses

Nada a declarar.

5.5. Open Access

This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0) International License, which permits use, sharing, adaptation, distribution, and reproduction in any medium or format, as long as you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The images or other third-party material in this article are included in the article's Creative Commons license unless indicated otherwise in a credit line to the material. If material is not included in the article's Creative Commons license and your intended use is not permitted by statutory regulation or exceeds the permitted use, you will need to obtain permission directly from the copyright holder. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.

6. REFERENCIAS:

1. Orwell, G. (2021). Nineteen Eighty-Four. Penguin Classics.